



“Sertão é do tamanho do mundo”
50 anos da obra de João Guimarães Rosa

Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

Tema de capa

Entrevistas

- Walnice Nogueira Galvão: Uma obra do tamanho do mundo **pg. 4**
Bernardo Marçolla: Perspectivas metapoéticas do sertão **pg. 7**
Lélia Parreira Duarte: Sherazade do sertão **pg. 12**
Gilvan Procópio Ribeiro: Um mestre na linguagem **pg. 14**
José Carlos Barcellos: O milagre da existência **pg. 18**
Paulo Soethe: O espaço e o tempo no sertão **pg. 20**
Marcel Vejmelka: O sertão também existe na Alemanha **pg. 25**
Kathrin Rosenfield: O sertão também existe na Alemanha **pg. 29**
Faustino Teixeira: O sagrado no Grande Sertão **pg. 37**

Destaques da semana

Entrevista da Semana:

Agostino Petrillo: O trabalho nas metrópoles **pg. 41**

Destaques on-line:

- Martin Sander:** Um panorama da gripe aviária **pg. 48**
Cristiano Costa: Liberdades e limitações do software livre **pg. 53**
Mario Novello: A refundação da Física pela Cosmologia **pg. 55**

Memória:

pg. 58

Deu nos jornais:

pg. 62

Frases da Semana:

pg. 64

IHU em revista

Eventos

pg. 68

IHU Repórter

pg. 76

Carta do Leitor

pg. 78

Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa

“Na arte, não há regras fixas. Por isso recomendo, num primeiro momento, que cada leitor observe tão somente suas reações - prazer, desgosto, tédio, entusiasmo, incompreensão. Os bons livros são como a própria vida, na qual nós podemos nos situar de modos diversos, assumindo posturas e posições flexíveis. O gosto vem com o tempo, e, às vezes, os livros que parecem ser áridos no início tornam-se bem mais interessantes e belos quando aceitamos as asperezas”. A recomendação é da Prof.^a Dr.^a Kathrin Rosenfield, pesquisadora e professora de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao discorrer sobre o livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, na entrevista publicada nesta edição.

Um diálogo com a filosofia da arte, com a teoria literária, com a psicologia, com a teologia e com elementos de outros saberes sobre a obra roseana é o tema de capa da edição da *IHU On-Line* desta semana que celebra os 50 anos da publicação do livro, que é um marco na literatura latino-americana, senão mundial.

Grande Sertão:Veredas. 50 anos também é tema de um ciclo que iniciou na semana passada com a conferência do Prof. Dr. Eduardo de Faria Coutinho, da UFRJ e que continua nesta semana com a exibição e o debate do filme *A terceira margem do rio*, de Néelson Pereira dos Santos.

As notícias diárias da página web do IHU publicam, diariamente, uma entrevista especial. A entrevista com o Prof. Martin Sander, professor na Unisinos sobre a gripe aviária, com o físico brasileiro Mario Novello, comentando o seu novo livro *O que é cosmologia* e com Cristiano Costa, professor na Unisinos, sobre o 7^o Fórum Internacional Software Livre foram algumas das entrevistas que reproduzimos nesta semana.

Celebrando os 50 anos do Instituto Anchietano de Pesquisas, publicamos o artigo de Martin Sander. Uma visita guiada ao Instituto está prevista na programação do **Seminário Internacional A globalização e os jesuítas: origens, história e impactos**, a ser realizado de 25 a 28 de setembro, na Unisinos.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Uma obra do tamanho do mundo

Entrevista com Walnice Nogueira Galvão

Já faz meio século do lançamento do livro *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956 (1. ed.) de João Guimarães Rosa e a professora Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, escritora, ensaísta, crítica de literatura e de cultura, Walnice Nogueira Galvão, diz que nenhuma obra chegou ao patamar de o *Grande Sertão*. “Uma outra vertente pode ter chegado ao ponto alto que o livro atingiu. Mas dentro da linha do *Grande Sertão* não existe nada que corresponda ao choque que ele deu a tudo que vinha antes na literatura”.

Walnice está preparando uma edição crítica sobre o *Grande Sertão: Veredas*. Entre suas publicações, estão os livros *As Formas do Falso - Um Estudo sobre a Ambigüidade no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972; *No Calor da Hora - A Guerra de Canudos nos Jornais*. São Paulo, Ática, 1974; *Saco de Gatos*. São Paulo, Duas Cidades, 1976; *Mitológica Rosiana*. São Paulo, Ática, 1978; *Saptamatr*. São Paulo, Brasiliense, 1978; *Gatos de Outro Saco*. São Paulo, Brasiliense, 1981 e *Euclides da Cunha, organização*. São Paulo, Ática, 1984.

A professora concedeu uma rápida entrevista por telefone à *IHU On-Line*.

***IHU On-Line* - Por que *Grande Sertão: Veredas* causou tanto impacto quando foi publicado em 1956?**

Walnice Nogueira Galvão - Porque era uma novidade nas letras brasileiras. Até então, o regionalismo tinha pouca elaboração estética e privilegiava muito o documento. Então aparece um livro ligado ao regionalismo pela matéria, pelo assunto, pelos personagens, mas com um grau de elaboração estética nunca visto antes.

***IHU On-Line* - A partir da sua publicação a obra foi qualificada como difícil e quase ilegível para o grande público. Quais os exemplos de linguagem usados por Guimarães que mostram essa dificuldade?**

Walnice Nogueira Galvão - O livro ainda é ilegível para o grande público. Eu posso falar de maneira geral da linguagem. Por exemplo, a extensa criação de neologismos e o uso de uma sintaxe não-usual.

***IHU On-Line* - Em relação à produção literária da época, o que a senhora acredita que efetivamente apareceu de novo desse romance em relação a outros?**

Walnice Nogueira Galvão - Enquanto era uma época que o romance regionalista procurava ser documental e, portanto muito aderido à matéria, Guimarães Rosa com os altos vãos

estéticos do *Grande Sertão: Veredas*¹ se despregava desse tipo de programa estético.

IHU On-Line - Quais as ambigüidades que podemos encontrar no livro?

Walnice Nogueira Galvão - Todas! Só tem ambigüidades do começo ao fim: ambigüidade de tratar a matéria sertaneja com um nível de elaboração estética que é absolutamente cosmopolita. Mistura o neologismo, a criação de palavras, com os arcaísmos sertanejos, ou seja, o muito novo com o muito velho. Na criação de personagens, por exemplo, a ambigüidade também existe. Riobaldo é ao mesmo tempo um jagunço, um pobre coitado, sem pai, um órfão no sertão, mas ele não sabe que é o herdeiro de um grande fazendeiro. Ele transita em duas classes. E a Diadorim que se veste de homem, mas é uma mulher. O livro inteiro está partido entre Deus e diabo, entre o bem e o mal, que é outra ambigüidade.

IHU On-Line - Quais as relações que o Guimarães Rosa faz entre mito e tradição popular?

Walnice Nogueira Galvão - Ele não faz relação nenhuma propriamente falando. Ele vai costurando mito e tradição popular sem se deter nem em um, nem em outro, com a maior falta de cerimônia. Guimarães Rosa costura no livro mito, tradição popular e história do Brasil através da narrativa.

IHU On-Line - A senhora escreveu que Guimarães Rosa apresenta um sertão que para efeitos de análise pode ser percebido segundo três pontos de vista: o geográfico, o mítico e o metafísico. A senhora

¹ Sobre Grande Sertão : Veredas publicamos a entrevista sob o título Guimarães Rosa na literatura brasileira concedida pelo Profº Dr. Eduardo de Faria Coutinho à IHU On-Line da semana passada, 177º edição, de 24 de abril de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

pode falar de cada um desses pontos?

Walnice Nogueira Galvão - Geográfico porque ele tem uma geografia, uma topografia, uma zoologia, uma botânica, uma meteorologia toda do sertão de Minas Gerais, ao pé da letra. Guimarães Rosa é muito exato nas descrições que faz do clima, da fauna, da flora, dos acidentes geográficos. Basta lembrar o que ele faz com as veredas² e os buritis³, que são um traço marcantemente da geografia da região. As veredas no livro são as águas, não é o mesmo significado do resto da língua portuguesa, não é caminho, são águas que afloram formando espécies de riachinhos que dão origem às fileiras de buritis. Eles banham os pés dos buritis. Isso é extremamente fiel à paisagem do sertão. Na análise do mítico, o autor vai pegar as grandes sagas, guerras, batalhas sertanejas, a memória da região e vai usar. No metafísico, Guimarães Rosa vai transformar tudo isso numa grande guerra entre Deus e diabo, entre o bem e o mal, disputando as almas dos homens.

IHU On-Line - Qual é o desafio permanente que Grande Sertão: Veredas representa para a literatura e o mundo acadêmico?

Walnice Nogueira Galvão - Para a literatura brasileira, nenhuma obra chegou ainda neste patamar. Já faz meio século, e o ponto alto que Guimarães Rosa atingiu com *Grande Sertão: Veredas* ninguém conseguiu. Poderia ser

² **Vereda:** Cabeceira e curso de água, orlados de buritis, especialmente na zona são-franciscana (termo brasileiro), comumente encontrado no Estado de Minas Gerais e na Região Centro-Oeste. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Buriti:** palmeira de estipe elegante e ereto, encimado por folhas enormes e brilhantes. Suas folhagens, abertas em forma de estrela, formam uma copa arredondada, uniforme e linda, vista de baixo sob o céu azul e limpo. (Nota da *IHU On-Line*)

atingido, mas não na mesma linha. É um livro que está muito bem estudado, quanto a isso não existe dúvidas. Importantes críticos, como Antonio Candido⁴, trabalharam bastante com a obra.

IHU On-Line - A senhora fez estudos sobre *Grande Sertão: Veredas* e também sobre *Os Sertões*. Existem comparações que possamos fazer entre as duas obras?

Walnice Nogueira Galvão - São muitas comparações que podemos fazer. Não são exatamente as mesmas regiões, é como se fossem regiões contíguas. *Os Sertões*⁵ falam do sertão baiano e *Grande Sertão*, do mineiro. As duas obras diferem pela linguagem, pelos costumes e, sobretudo pela paisagem. O sertão baiano é muito mais seco, muito mais árido, muito mais hostil, e o sertão mineiro é bonito. A palavra jagunço é mais usada em Minas, na Bahia, é cangaceiro, e as duas querem dizer o mesmo. Euclides da Cunha⁶ trata de

uma guerra em que um dos lados era o exército brasileiro, e Guimarães trata metaforicamente de uma guerra, pois são lutas entre bandos. Há mais um outro aspecto que acho notável: os dois autores se preocuparam muito com a linguagem.

IHU On-Line - O que significa o símbolo mais infinito no final da obra? As edições atuais mantêm o símbolo?

Walnice Nogueira Galvão - Esse símbolo só está na primeira edição⁷. Se as editoras não o mantiveram, e Guimarães Rosa ainda estava vivo, provavelmente ele mesmo mandou tirar. Geralmente funciona assim. É a vontade do autor que permanece enquanto ele está vivo. O que queria dizer? Que Guimarães visava ao infinito com aquele livro. Ele gostava de símbolos. O livro é um aglomerado de símbolos.

⁴ **Antonio Candido (1918):** Nasceu no Rio de Janeiro, mas viveu desde a primeira infância em Minas Gerais. Entrou em 1939 para a Faculdade de Direito e para a de Filosofia (Seção de Ciências Sociais), na qual recebeu, no começo de 1942, os graus de bacharel e licenciado. De 1958 a 1960 foi professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis. Aposentando-se em 1978, continuou a trabalhar em nível de pós-graduação como orientador de teses. Fora da vida acadêmica, foi crítico da revista *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Atualmente é vice-presidente da TV do Trabalhador e membro do Conselho Editorial da revista *Teoria e Prática*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Os Sertões:** campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. vii + 632 p. il. Considerada a obra-prima de Euclides da Cunha. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Euclides da Cunha (1866-1909):** O engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro Euclides Rodrigues da Cunha nasceu em Cantagalo (Rio de Janeiro), em 20 de janeiro de 1866. Órfão de mãe desde os três

anos de idade, foi educado pelas tias. Frequentou conceituados colégios fluminenses e, quando precisou prosseguir seus estudos, ingressou na Escola Politécnica e, um ano depois, na Escola Militar da Praia Vermelha. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destacam-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Durante o *I Ciclo de Estudos Sobre o Brasil*, que aconteceu na Unisinos em 2003, a professora Maria Lopes Duarte apresentou o livro *Os Sertões* (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ A primeira edição foi publicada em maio de 1956. (Nota da *IHU On-Line*)

Perspectivas metapoéticas do sertão

Entrevista com Bernardo Marçolla

Bernardo Marçolla é psicólogo, mestre em Psicologia Social pela UFMG (2000), doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas (Área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa) e professor do Instituto de Psicologia da PUC Minas desde 1999.

Sua tese de doutorado (ainda em andamento) aborda o livro *Grande Sertão: Veredas* numa perspectiva metapoética, ou seja, tomando a narrativa do jagunço Riobaldo como um aprendizado poético (o que envolve a constituição do lugar do artista e a descrição de uma poética que possui contornos bem específicos). Marçolla, que concedeu entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, busca explorar e desenvolver todas essas dimensões com base no diálogo com a filosofia da arte, com a teoria literária e, ainda, com elementos oriundos de outros sistemas semióticos.

***IHU On-Line* - Qual seria a relação entre *Grande sertão: veredas* e o fazer poético ?**

Bernardo Marçolla - No contexto da obra, talvez seja possível pensar a poesia no sentido presente na própria *poiesis* dos gregos – algo ligado à criação artística tomada em sua forma mais ampla, numa relação direta com os processos de vida. Sendo assim, acredito que possamos considerar *Grande sertão: Veredas* como uma grande narrativa metapoética: a trajetória do jagunço/narrador Riobaldo relaciona-se ao modo como ele próprio se constitui pela arte narrativa. Esta, por sua vez, descreve um movimento espiralado em que obra e artista constituem-se mutuamente.

No que se refere especificamente a esse fazer poético que, de forma enigmática e complexa vai se desvelando no decorrer da obra, eu ousaria dizer que ali talvez resida não apenas a possibilidade de se criar a obra de arte,

mas, acima de tudo, apresenta a arte como um caminho relacionado à articulação entre diversas dimensões da realidade e do homem.

***IHU On-Line* - Como a natureza do homem está retratada no livro?**

Bernardo Marçolla - Creio que, em *Grande sertão: Veredas*, a natureza do homem é considerada sob uma perspectiva absolutamente multidimensional. Os contornos do homem ali retratado podem ser apreendidos em uma infinidade de perspectivas, que vão desde a do homem que se relaciona com condições sociais e econômicas bem concretas ao mesmo tempo em que também estabelece relações com dimensões transcendentais e metafísicas, chegando à do homem que busca, na medida do (im)possível, conciliar a pluralidade do seu universo interior (que é espiritual, anímico, emocional, mental, cultural, afetivo e sexual) com as tantas

exigências de um mundo que é exterior a ele e que o interpenetra.

A pluralidade de nuances que podem ser apreendidas na natureza humana retratada na obra, talvez explique, em parte, a infinidade de perspectivas sob as quais a obra tem sido abordada pela crítica até hoje, sem que tenham se esgotado tais esforços.

IHU On-Line - Quais são as intenções do Riobaldo ao contar sua vida para o tal interlocutor? Qual seu conflito?

Bernardo Marçolla - Como eu dizia ao responder à questão anterior, a infinidade de aspectos que podem ser apreendidos na obra pode dar origem a uma ampla gama de abordagens críticas, ao mesmo tempo em que cada um desses aspectos pode dar origem a diversas interpretações, muitas vezes contraditórias entre si. Faço questão de deixar isso claro porque, ao conferir um sentido às “intenções” de Riobaldo, ou mesmo buscar compreender qual é o conflito que vivencia, estarei somente estabelecendo mais um ponto de vista possível, que não esgota os sentidos que podem conviver na obra.

Do meu ponto de vista, talvez influenciado por minha formação em psicologia, tendo a ver a situação dialógica que se estabelece entre Riobaldo e seu suposto interlocutor como uma espécie de diálogo interno. Ainda que sua narrativa se dirija a um outro, a exposição de Riobaldo converge para a possibilidade de uma elaboração interna, relacionada à atribuição de novos sentidos que se acoplam a elementos do seu passado, bem como aglutinam elementos presentes, buscando produzir um saber acerca de si mesmo. E como a natureza humana está atravessada pela infinidade de elementos sobre os quais discorri há pouco, vemos que essa não é uma tarefa nada fácil. Seu conflito fundamental residiria, portanto, na constituição de

sentidos a elementos de sua história e de si mesmo. Isso implica repensar diversos conceitos, acontecimentos e relações.

IHU On-Line - Quais são as conexões entre natural e sobrenatural na obra?

Bernardo Marçolla - Acredito que a natureza não se apresente na obra como mero cenário ou elemento regional. A ênfase em sua descrição, sua nomeação e o relacionamento vivo que Riobaldo e Diadorim estabelecem com essa dimensão parecem fornecer elementos para que a própria natureza seja considerada como personagem. Ao mesmo tempo, temos a força imperiosa das relações que as personagens estabelecem com dimensões metafísicas e transcendentais, muitas vezes personificadas nas forças de Deus ou do demônio. A dimensão metafísica é algo “natural” no *sertão*. A natureza talvez atue como um grande suporte no qual as apresentações do transcendente tenham lugar. Pode-se, desta forma, considerar o sertão em sua constituição multidimensional, onde distintas forças, consideradas “naturais” ou “sobrenaturais” (dependendo das crenças e do posicionamento daquele que com elas se depara), não apenas se sobrepõem e se interconectam, mas formam um mesmo todo complexo. Este é o terreno sobre o qual o humano floresce.

IHU On-Line - Quais são os diálogos possíveis que o livro faz no contexto da pós-modernidade?

Bernardo Marçolla - Este é um tema complexo. Para além de uma questão estética – ligada não apenas à criação ou contemplação artísticas, mas a uma forma diferenciada de apropriação do real – creio que poderíamos considerar a multiplicidade de saberes que convivem e buscam dialogar tanto no contexto da obra, quanto no contexto

das sociedades ocidentais contemporâneas. A própria situação dialógica que se estabelece entre Riobaldo, barranqueiro e ex-jagunço, e seu suposto interlocutor, doutor da cidade, é emblemática nesse sentido. No contexto pós-moderno, temos a possibilidade de nos distanciar da centralidade representada por um único discurso de referência e dar voz a outros discursos – o que pode dar origem a diálogos interessantes e produtivos. Dentre tais diálogos, eu apontaria aquele que se estabelece entre o saber científico e outras formas de saber, como os saberes míticos, místicos e aqueles ligados às tradições espirituais. Tais diálogos, muitas vezes evitados por colocar em cena posicionamentos tidos como contraditórios e mutuamente excludentes, trazem consigo também um potencial que considero dos mais importantes: a possibilidade de tornar relativos os nossos próprios posicionamentos, reconhecendo-os não como “verdades”, mas como posicionamentos possíveis e, desta forma, abrir espaço para sondar outras possibilidades.

IHU On-Line - O senhor pode falar um pouco do seu trabalho que está em andamento?

Bernardo Marçolla - Minha tese de doutoramento está sendo construída buscando articular muitos dos elementos sobre os quais aqui tenho discorrido. Procuo colocar em evidência a dimensão metapoética de *Grande sertão: veredas*, compreendendo a trajetória narrada por Riobaldo sob um duplo papel: ao mesmo tempo que narra um percurso que culmina com o aprendizado da arte narrativa, o narrador Riobaldo também nos apresenta as linhas-mestras daqueles que seriam os processos de criação descritos na obra. Minha leitura é que a poética assim constituída tenha como

suporte a articulação dinâmica de três eixos.

O primeiro desses eixos seria o *ritmo*. Associado ao movimento, à musicalidade, à cadência e à harmonia, presente na própria linguagem que compõe a obra, o ritmo se apresenta ao mesmo tempo como uma condição e como uma característica fundamental da poética de Riobaldo. O ritmo também estaria associado às formas de relação que o jagunço estabelece com a realidade ordinária – o que, a meu ver, abriria as portas para o acesso a outras dimensões do real.

O segundo eixo seria aquilo a que me refiro como *transcendência*. Compreendida de forma ampla, a transcendência estaria relacionada não apenas ao acesso às dimensões metafísicas, como também às permutações que se estabelecem entre dimensões ordinárias e “extraordinárias” da existência. Pela via da linguagem, Riobaldo alcança (ou é alcançado?) pelo transcendente. Relacionada à permeabilidade que se constrói entre as dimensões do real e aos hibridismos que daí decorre, a transcendência também seria uma marca fundamental da arte que *Grande sertão: veredas* descreve e apresenta.

O terceiro eixo fundamental que acredito caracterizar a poética de Riobaldo vem a ser a própria *experiência estética*. Acredito que o ritmo e transcendência fundem-se e se apresentam justamente neste tipo de vivência. Vale ressaltar, como já busquei adiantar, que tomo a estética não como disciplina que se ocupa do “estudo do belo”, mas como uma possibilidade diferenciada de apreensão da realidade, não dirigida racional ou teleologicamente, produtora de novos sentidos acerca do real. Outra característica importante que eu associaria a esse tipo de vivência é o caráter intersubjetivo que ela implica – o qual também acredito possuir

especial relevância na poética de Riobaldo.

Meu grande objetivo, portanto, é desvelar os processos de criação que, desta forma, se articulam na obra. Para isso, estabeleço diálogos não apenas com a teoria literária e a filosofia da arte, mas também com outros sistemas semióticos. No caso destes últimos, tomo especificamente alguns ligados a antigas tradições espirituais que, a meu ver, avançam nas possibilidades de articulação entre os três suportes por mim considerados, dentre os quais destaco o xamanismo⁸ e a cultura celta.

IHU On-Line - Riobaldo tem três amores: Otacília, Nhorinhá, Diadorim. O que cada um desses amores representa?

Bernardo Marçolla – Eu diria que cada uma dessas personagens estaria ligada a uma forma de relação que Riobaldo estabelece com o feminino, de maneira que cada uma delas poderia ser relacionada a um arquétipo feminino. Penso que o mais importante seja ampliar a nossa compreensão acerca de alguns elementos envolvidos em tais relacionamentos. O primeiro seria a própria noção de “feminino” que não se restringe às personagens do sexo feminino. Considerando as noções jungianas de *animus* e *anima*, cada um de nós teria que desenvolver e harmonizar em si as dimensões masculina e feminina de seu próprio ser. Dessa forma, o relacionamento que Riobaldo estabelece com tais personagens poderia ser compreendido como um aprendizado relacionado à

⁸ **Xamanismo:** é um conjunto de crenças ancestrais, uma filosofia de vida muito antiga que visa ao reencontro do homem com os ensinamentos, com o fluxo da natureza e com seu próprio mundo interior. Sua prática estabelece contato com outros planos de consciência, a fim de obter conhecimento, poder, equilíbrio e saúde. O xamã pode ser homem ou mulher. (Nota da *IHU On-Line*)

integração do feminino em si mesmo. O segundo elemento que acredito merecer uma ampliação é o próprio “amor”. Em minha visão a principal questão relacionada ao amor em *Grande sertão: veredas* não está ligada ao amor sentimento romântico que une duas pessoas, embora o relacionamento pessoal que se estabelece entre Riobaldo e Diadorim pareça sugerir isso. Creio que o grande aprendizado de amor vivenciado por Riobaldo – e cujo mestre teria sido Diadorim – relacione-se à abertura de seu coração para uma dimensão maior do amor, que envolve a relação com a vida e o contato empático com a natureza humana. No contexto da obra, acredito que um dos temas fundamentais que percorre toda a passagem que vai desde a constituição do chefe Urutu-Branco até o desfecho na batalha final seja justamente esse: a abertura ao humano, presente em si e no outro.

IHU On-Line - Existe alguma conotação homossexual no amor de Riobaldo com Diadorim?

Bernardo Marçolla - Confesso nunca ter dado muita importância para esse tipo de reflexão ao pensar em *Grande sertão: Veredas*. Para mim, o mais importante tem sido abordar esse relacionamento com base nas linhas gerais que tracei anteriormente. Eu iria ainda mais além: creio que a obra nos apresenta elementos para tomar Diadorim como uma figuração da própria alma de Riobaldo. Atuando como uma espécie de guia, essa alma representada por Diadorim seria o elemento catalisador de diversas experiências fundamentais que se apresentam na trajetória do jagunço. Dessa forma, é com sua mediação – e no contato com sua ambigüidade constitutiva – que Riobaldo aos poucos vai aprendendo a estabelecer relações diferenciadas com o mundo (natural e

transcendente) e com o humano (de si mesmo e do outro).

IHU On-Line - As personagens do livro são muito religiosas? Em que momentos podemos encontrar esta religiosidade?

Bernardo Marçolla - O próprio Rosa falava abertamente de sua religiosidade e da importância dessa dimensão em sua vida. Em *Grande sertão: Veredas*, essa é também uma vertente muito valorizada. O narrador Riobaldo fala disso em muitas ocasiões, bem como recorre à lembrança de compadre Quelemém, espécie de mentor nos assuntos espirituais. As recorrentes referências às figuras de Deus e do demônio, bem como às suas formas de atuação, também trazem o tema da religiosidade à tona. No que se refere a essas forças, acredito ser importante não tomá-las apenas em seu sentido literal, mas também simbólico. Assim podemos evitar maniqueísmos e posicionamentos dogmáticos. Acredito que por detrás de uma discussão aparentemente simplória, a versar sobre a natureza das forças divinas ou diabólicas, a obra nos ofereça elementos para refletir acerca do tema da religiosidade sob uma perspectiva mais aprofundada. Enraizado na própria condição e experiência humanas, o religioso surge como decorrência das relações que o homem estabelece consigo mesmo e com um universo complexo, multidimensional e misterioso. O religioso então ultrapassa as fronteiras do instituído e das convenções sociais, para inserir-se no âmago da própria existência – sem fórmulas prontas.

IHU On-Line - Como navegar nas mais de 600 páginas do livro sem perder o passo e o rumo? Como

reter, entre tantos desvãos e tantas veredas, o sentido da leitura?

Bernardo Marçolla - Vou começar pela última parte da pergunta – não acredito que exista um sentido “correto” ou único a ser apreendido com base na leitura de *Grande Sertão*. Não quero dizer com isso que todos os sentidos sejam possíveis, mas que pelo menos um grande número de interpretações possam ser geradas no encontro que se dá entre o livro e seus leitores.

Creio, entretanto, que normalmente a nossa expectativa é esta, a de desvelar o sentido oculto na obra. Mas acho que Rosa nos preparou uma grande armadilha e que um dos caminhos mais louváveis ao se trilhar o sertão de Riobaldo é realizado por aquele leitor que se permite perder o passo e o rumo. É fato que muitas pessoas não dão conta de ler a obra, desistindo após algumas dezenas de páginas. Eu tenho um posicionamento pouco ortodoxo a respeito disso tudo: acho mesmo que uma das formas de se ler *Grande sertão: veredas* é com base nos sentidos que se constroem sem que saibamos disso. A linguagem ali construída por Rosa se assemelha a uma música, composta por assonâncias, ressonâncias e por palavras cujo sentido apenas intuímos. Como um grande mantra, acredito que se pudermos “embarcar” nessa linguagem e por ela nos deixarmos levar, haverá uma mudança operando em nossa consciência – sem que possamos nos dar conta disso. Talvez o grande desafio e aprendizado seja justamente este: perder o passo e o rumo, desaprendendo os lugares estabelecidos e aprendendo algo novo e impensado com cada desvão e cada vereda – a cada nova leitura.

Sherazade do sertão

Entrevista com Lélia Parreira Duarte

Guimarães Rosa comparado à personagem Sherazade do livro *As 1001 noites*? De acordo com a doutora em Literatura Portuguesa pela USP, professora titular de Literatura da UFMG e da PUC Minas, Lélia Parreira Duarte, a escrita de Guimarães Rosa tem a função de lidar ambigualmente com a morte e a vida e, sempre, a de adiar a morte.

A professora concedeu por e-mail uma entrevista à *IHU On-Line*, em que, entre outros assuntos, falou do humor contido nas obras de Guimarães.

O mais recente livro de Lélia, chama-se *Ironia e humor na literatura*. Minas Gerais: Editora PUC Minas e Alameda, 2006. Na obra, podemos encontrar três estudos sobre Guimarães Rosa.

***IHU On-Line* - Em suas análises quais as correlações que podemos fazer da obra *Grande Sertão: Veredas* com a psicanálise, o cinema, a fotografia e até mesmo a arquitetura?**

Lélia Parreira Duarte - Em *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa lida essencialmente com a linguagem e a sua potencialidade, com as ânsias e carências do ser humano e com a importância do desejo para a continuidade da vida. Como esses elementos são fundamentais para a psicanálise e a arte, são infindáveis as correlações possíveis entre a obra de Rosa e a psicanálise e a arte em geral.

***IHU On-Line* - Mesmo falando somente do sertão, Guimarães pode ser considerado um escritor universal?**

Lélia Parreira Duarte - Essa universalidade está no fato de que Rosa, ao tratar do sertão, trata de questões e problemas de um ser humano que não está apenas no sertão: não disse ele que o sertão está em toda parte?

***IHU On-Line* - O que o universo literário de Guimarães Rosa tem que faz muitas pessoas estudarem e analisarem suas obras? Quais as características marcantes do texto roseano?**

Lélia Parreira Duarte - O universo literário de Rosa é atraente e intrigante porque a sua linguagem, aparentemente complexa e difícil, fascina pelo jogo entre o conhecido e o desconhecido, a realidade e a imaginação, o desejo e a sua contenção. Daí o interesse pelo seu estudo.

***IHU On-Line* - A senhora acha que tudo que foi feito em relação à obra (filmes, vídeos, lançamento de livros, painéis) ajudou no entendimento do livro?**

Lélia Parreira Duarte - Acho principalmente que tudo o que foi feito contribuiu, de alguma forma, para a divulgação da obra de Rosa e por isso valeu a pena, já que o importante é que se leia repetidas vezes toda essa obra, se possível em voz alta, pois a sua sonoridade é fundamental para a sua compreensão.

***IHU On-Line* - Em um artigo, a senhora chamou Guimarães de Sherazade? Por quê?**

Lélia Parreira Duarte - O sultão Shariar, furioso por ter sido traído por sua esposa, decidiu casar-se a cada dia com uma jovem, mandando matá-la, no dia seguinte, evitando assim ser novamente traído. Preocupada com a dizimação das jovens do reino, Sherazade resolveu oferecer-se para ser a esposa do sultão e, na manhã do dia seguinte, antes que o sultão saísse (e determinasse a sua morte), começou a contar-lhe uma história, interrompida em vista dos compromissos do rei. Interessado em ouvir o restante da narrativa, o sultão concede mais um dia de vida a Sherazade, o que resulta nas "1001 noites" (ou 1001 histórias), suficientes para que Sherazade tenha três filhos com o sultão, restaure a sua confiança nas mulheres e cure o seu coração ferido pela infidelidade da primeira esposa. Isso significa que as histórias de Sherazade fizeram-na vencer a morte. Penso que a escrita de Guimarães Rosa (e geralmente a de todo escritor) também tem essa função de lidar ambigualmente com a morte e a vida e, sempre, a de adiar a morte. Daí a relação de Guimarães Rosa com Sherazade.

***IHU On-Line* - Existe humor na obra de Guimarães Rosa?**

Lélia Parreira Duarte - O humor é o ingrediente mais importante da obra de Rosa, porque o humor trabalha com a ambigüidade da linguagem. Como mostrou Freud, em seu estudo sobre *As palavras antitéticas* ou sobre *O estranho*, existem nas palavras elementos contraditórios, que podem ser utilizados, com ironia, para o exercício do poder e para a dominação do outro. No caso do humor, essa ambigüidade é voltada para o próprio eu que fala; um eu que deseja o poder, mas sempre se envolve em jogos de enganos e se coloca como o que não compreende ou se engana, de modo a tornar-se ridículo, risível, ou digno de pena. Não será isso o que acontece, por exemplo, com Riobaldo, com o Jimirulino, de "Uai, eu?", com o narrador de *Os irmãos Dagobé* e tantos outros personagens/ narradores de Guimarães Rosa?

***IHU On-Line* - Na sua opinião, qual o personagem mais interessante da obra roseana?**

Lélia Parreira Duarte - Talvez Riobaldo seja uma condensação das personagens roseanas e o mais importante, porque fazendo-o narrador, Rosa colocou nele a sua arte de contador de histórias (como Sherazade).

Um mestre na linguagem

Entrevista com Gilvan Procópio Ribeiro

Guimarães Rosa é, sem dúvida, um dos autores mais importantes da literatura brasileira e latino-americana do século XX. As considerações acerca da sua obra *Grande Sertão: Veredas* são muitas. O professor de Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Teoria da Literatura na Universidade Federal de Juiz de Fora, Gilvan Procópio Ribeiro, também estuda muitos aspectos da obra. Nesta entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, o mestre em Teoria da Literatura pela UFJF e doutorando em Literatura Comparada pela UFF, aborda muitas questões levantadas sobre Rosa e o seu sertão, desde as possibilidades de significação do Riobaldo às comparações com Joyce e a escolha dos nomes dos personagens por Guimarães Rosa.

***IHU On-Line* - Qual a importância de Guimarães Rosa para a literatura brasileira e latino-americana?**

Gilvan Procópio Ribeiro - Guimarães Rosa é, sem dúvida, um dos autores mais importantes da literatura brasileira e latino-americana do século XX, tendo construído uma obra de uma dimensão e densidade ímpares. Sua importância não se restringe ao Brasil e à Latino América, tendo em vista o intenso diálogo que as literaturas africanas de língua portuguesa mantêm com a obra do escritor. Rosa deglute antropofagicamente aspectos relevantes do imaginário europeu – o mito faustiano, a donzela guerreira, entre outros – apropriando-se deles e sertanizando-os, não só por meio do contexto em que os insere, mas, talvez principalmente, pela linguagem por meio da qual os expressa. Dessa forma, pode apontar algum caminho para literaturas ainda, de alguma forma, manietadas pelo eurocentrismo.

***IHU On-Line* - Quais são as particularidades de fazer um livro de imagens sobre *Grande Sertão*:**

***Veredas*, como foi o caso de Arlindo Daibert?**

Gilvan Procópio Ribeiro - Arlindo Daibert⁹ foi uma figura muito especial de intelectual e artista. Sendo artista plástico, tinha, no entanto, uma formação acadêmica em Letras, o que o leva a fazer, em vários trabalhos, uma ponte entre as duas atividades. Ele o faz, inicialmente, com Lewis Carrol¹⁰;

⁹ **Arlindo Daibert (1952-1993):** desenhista, gravador, pintor, construtor de objetos e professor. Bacharel em Letras pela UFJF, onde mais tarde tornou-se professor do Departamento de Artes. Fez curso de técnicas de gravura em metal no Atelier Calevaert Brun, em Paris, prêmio que lhe foi concedido pela Embaixada da França no II Salão Global de Inverno realizado em Belo Horizonte, em 1974. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **Lewis Carol (1832 – 1898):** Este nome foi o pseudônimo adotado pelo matemático e escritor Charles Lutwidge Dodson, que nasceu em Cheshire, Inglaterra. Lewis Carrol teve uma carreira como professor de matemática na Christ Church, origem da famosa Universidade de Oxford, tendo sido um bom matemático e lógico, porém não-brilhante. Sua fama vem de seus dois livros infantis, *Alice no país das maravilhas* (1865) e *Através do espelho* (*Alice do outro lado do espelho*, título mais conhecido em Portugal), ambos escritos sob inspiração de Alice Liddell, filha do deão da Christ Church, de apenas 10 anos

em seguida, com *Macunaíma* e, finalmente, com *Grande sertão: veredas*. Esta ligação entre um leitor especialista em literatura e um artista plástico se reflete, para falar de modo específico do *Grande sertão*, numa leitura visual do texto de Rosa. Não se trata, de forma alguma, de uma ilustração do livro, mas antes, para usar um termo cunhado por Haroldo de Campos¹¹, de uma “transcrição”, livre e pertinente, instigante e impactante.

IHU On-Line - Existe como fazer um retrato e uma identidade cultural de Minas Gerais com base na leitura de Grande Sertão? E com o Brasil?

Gilvan Procópio Ribeiro - Uma das questões que tem sido objeto de muitas discussões nos últimos anos envolve o problema da “mineiridade”. Vários autores já se debruçaram sobre isso. Com certeza, podemos falar de mineiridade em Guimarães Rosa, mas é algo extremamente complexo, pois restringir o livro a esse aspecto seria ignorar a preocupação metafísica presente no livro, em que o sertão é Minas e é mais do que Minas, projetando-se numa dimensão tal que discute questões ontológicas essenciais, para além do mero espaço geográfica e emocionalmente determinado. Com relação ao Brasil, o recente trabalho de Willi Boile¹² parece apontar nessa direção. É algo que merece ser discutido mais a fundo.

de idade, por quem ele nutria uma paixão platônica. Lewis foi o inventor de inúmeros jogos e quebra-cabeças infantis com que ele entretinha suas amigas crianças. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ **Haroldo de Campos:** poeta concretista brasileiro. (Nota do *IHU On-Line*)

¹² **Willi Bolle** é professor de literatura no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

IHU On-Line - Grande sertão pode ser considerada uma história de amor?

Gilvan Procópio Ribeiro - Certamente, *Grande sertão : veredas* é uma história de amor, de amores, de várias maneiras de amar. Temos os amores diferenciados de Riobaldo por Diadorim, por Otacília, por Nhorinhá. Por Diadorim, durante a maior parte da narrativa, parece ser o amor “que não ousa dizer seu nome”. Por Otacília, o amor “honesto”, que garante a família e a posteridade. Por Nhorinhá, o amor ocasional, fortemente sexualizado. Há um momento na narrativa em que a tensão entre os três amores aparece de forma muito contrastiva com referência à florzinha que poderia se chamar “casa comigo”, para Otacília; “dorme comigo”, para Nhorinhá e Otacília, ao perceber a relação emocional muito forte entre Riobaldo e Diadorim, diz, secamente, o nome da flor é “liro liro”. Além disso, vejo amor também no lirismo da canção de Siruiz e no prazer afetivo das nomeações. A sucessão de antroponímicos e toponímicos, no plano da linguagem, é uma imensa declaração de amor aos seres e lugares nomeados.

IHU On-Line - Guimarães Rosa conseguiu unir o sertanejo com o mundo acadêmico. Como se deu esta união?

Gilvan Procópio Ribeiro - Guimarães Rosa, se, por um lado, tem uma profunda identificação com o sertanejo, por outro lado, projeta este sertanejo numa dimensão para além do espaço em que concretamente ele se move. A linguagem é, ao mesmo tempo, fortemente marcada por certa oralidade e elaborada numa síntese deliciosa com outras falas, outras criações, muito mais, digamos, letradas. Assim, Riobaldo, como invenção é uma síntese maravilhosa dessa simbiótica elaboração, e se presta, às mil

maravilhas, a inúmeras pesquisas, investigações, elocubrações e invenções acadêmicas.

IHU On-Line - Riobaldo se pergunta: "Afiml o que é que eu era?". O que senhor acredita que Riobaldo era?

Gilvan Procópio Ribeiro – Riobaldo tem várias possibilidades de significação. É um jagunço letrado que se move angustiado entre voz e letra para usar a bela expressão de Laura¹³ (Cavalcante Padilha), entre as possibilidades que o texto escrito lhe oferece e a crueza da vida que leva. Ao mesmo tempo, Riobaldo é uma síntese da aflição do ser humano, sempre diante de alternativas que as encruzilhadas da vida lhe oferecem. Talvez a melhor forma de dizer Riobaldo esteja no próprio livro, ele é “homem humano. Travessia.” Acrescente-se a isso o sinal de infinito.

IHU On-Line - Os nomes dos personagens roseanos deixam de ser meros indicadores de identidade e passam a ser significativos. O que provavelmente Guimarães tinha em mente quando os escolhia?

Gilvan Procópio Ribeiro – O grande conhecimento lingüístico de Guimarães Rosa oferecia a ele um amplo espectro de escolhas. O nome dos personagens nunca é aleatório, obedece sempre a algum critério pré-estabelecido, e já há estudos significativos sobre isso. As interpretações podem variar, mas buscam sempre alguma razão que projete o nome numa esfera além da simples identificação.

¹³ **Laura Cavalcante Padilha** é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora Adjunta IV da Universidade Federal Fluminense, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, em particular nas Literaturas Africanas, e representante da sua área no CNPq. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Assim como há um estilo na escrita de Guimarães, há uma maneira de se ler Grande sertão?

Gilvan Procópio Ribeiro – *Grande sertão: veredas* é um longo fluxo narrativo, centrado na voz enunciativa de Riobaldo.

Esse é um pressuposto básico do jogo de linguagem que o texto estabelece. A leitura do livro – como aliás de qualquer livro – depende da aceitação das regras estabelecidas por esse jogo de linguagem. Se o leitor se recusa a aceitar as regras, se não se entrega totalmente ao fluxo da linguagem, o livro permanecerá hermeticamente fechado, incompreensível. Ademais, como já disse Arnold Hauser¹⁴, a obra de arte só tem algo a dizer a quem lhe faz perguntas. Para quem é mudo, a obra é muda também.

IHU On-Line - É pertinente a comparação de Grande sertão: veredas com Ulysses, de Joyce?

Gilvan Procópio Ribeiro - *Ulysses*, de James Joyce¹⁵, é uma das obras mais

¹⁴ **Arnold Hauser** (1892–1978): historiador e crítico de arte húngaro. Formado em Viena, desenvolveu sua teoria da arte, que relaciona as manifestações artísticas com os fenômenos sócioeconômicos, no livro *Historia social de la literatura y el arte* (1957), *El manierismo* (1965) e *Sociología del arte* (1975). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ **James Joyce** (1882 1941): escritor irlandês. De educação judaica, passou grande parte da sua vida fora da Irlanda, trabalhando como professor. Aos 22 anos, instalou-se em Trieste, Itália, e começou a escrever poesia (*Chamber Music*) e contos (*Gente de Dublin*). Em meados de 1914, publicou *Dedalus*, romance autobiográfico de grande complexidade construtiva. A profunda identidade do protagonista, o jovem escritor Stephen Dedalus reside nas palavras. No romance, ocupam um lugar especial os sonhos e os desejos. As preocupações de Joyce com a linguagem e com o mito manifestam-se na sua obra-prima, *Ulisses*. É um romance com poucos acontecimentos. O dia 6 de Junho de 1904 decorre em Dublin e o leitor vê-a através de um

seminais do século XX, pelas experimentações, pela construção de uma nova linguagem narrativa. Mesmo para um autor que não o tenha lido – o que certamente não é o caso de Rosa – a obra permanece como um parâmetro, ainda que para ser contrariado. Talvez se possa comparar algo do processo criativo de Rosa ao de Joyce – ambos políglotas, ambos capazes de gestar neologismos com base em seus conhecimentos lingüísticos, ambos criadores de maravilhosas palavras-valise, prenhes de sentidos. Acredito, no entanto, que Rosa fique mais a dever a *Macunaíma*,¹⁶ do que propriamente a Joyce.

personagem: Leopold Bloom, agente de publicidade. Cada capítulo está escrito segundo um modo de narrar peculiar. *Ulisses*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **Macunaíma:** romance de Mário Raul de Morais Andrade, publicado em 1928. O livro é uma das obras-primas da literatura brasileira e reúne inúmeras lendas e mitos indígenas para compor a história do “herói sem nenhum caráter”, que, invertendo os relatos dos cronistas quincentistas, vem da mata para a cidade de São Paulo. (Nota da *IHU On-Line*)

O milagre da existência

Entrevista com José Carlos Barcellos

José Carlos Barcellos é doutor em Letras pela USP e em Teologia pela PUC-Rio.

É professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense.

Na entrevista que concedeu por e-mail à *IHU On-Line*, o professor abordou o diálogo entre as obras literárias e o pensamento teológico e das questões religiosas no *Grande sertão: Veredas*

IHU On-Line - Quais autores da Literatura Brasileira foram influenciados pela teologia?

José Carlos Barcellos - Não se trata de autores influenciados pela teologia. Os estudos interdisciplinares de literatura e teologia buscam, por diversos métodos, estabelecer uma forma de diálogo entre as obras literárias e o pensamento teológico. Esse diálogo pode se dar — e eventualmente pode ser muito rico — mesmo com obras alheias a qualquer referencial religioso. No entanto, há inúmeros autores nos quais a presença de questões religiosas e teológicas é muito forte. Na literatura brasileira, basta lembrarmos os nomes de Lúcio Cardoso¹⁷, Cornélio Pena¹⁸ ou Adélia Prado¹⁹, por exemplo.

¹⁷ **Lúcio Cardoso (1912-1968)**: mineiro de Curvelo, chamado pelo crítico Alfredo Bosi de "inventor de totalidades existenciais". Lúcio foi escritor, dramaturgo, jornalista, e poeta. Realizou com Paulo César Saraceni, o primeiro longa-metragem do Cinema Novo. Nos últimos anos de sua vida, pintava. Para ele, a arte era vital. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **Cornélio Pena (1896-1958)**: diplomado em Direito, posteriormente, passou a exercer atividades como jornalista, pintor e ilustrador, vindo mais tarde a dedicar-se à literatura. Escreveu, entre 1935 e 1954, quatro romances na linha psicológica de ficção brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ **Adélia Luzia Prado Freitas (1935)**: escritora brasileira. Em 1994, após anos de silêncio poético, sem nenhuma palavra, nenhum verso, ressurgiu

IHU On-Line - Quais seriam os principais livros em que esta aproximação tem sido tentada?

José Carlos Barcellos - Já há uma bibliografia bastante vasta nas principais línguas européias. Aqui no Brasil, poderíamos citar, entre outros, *Teologia e literatura*. São Paulo : Loyola, 1994, de Antônio Manzatto, sobre Jorge Amado, *O roteiro de Deus*. São Paulo : 1996, de Heloísa Vilhena de Araújo, sobre Guimarães Rosa, *Os escritores e as Escrituras*. São Paulo : Paulus, 1995, de Karl-Josef Kuschel, sobre autores de língua alemã, e *Literatura e espiritualidade*. Bauru : Edusc, 2001, de minha autoria, sobre o escritor francês Julien Green.

IHU On-Line - Onde está a religião no sertão descrito no livro *Grande Sertão: Veredas*? Quais as relações entre fé e linguagem no livro?

com o livro *O homem da mão seca*. Conta a autora que o livro foi iniciado em 1987, mas, depois de concluir o primeiro capítulo, foi acometida de uma crise de depressão, que a bloqueou literariamente por longo tempo. Em 2000, estreou o monólogo *Dona da casa*, em São Paulo, adaptação de José Rubens Siqueira para *Manuscritos de Felipa*. Em 2001, apresentou no Sesi Rio de Janeiro e em outras cidades, o sarau onde declamou poesias de seu livro *Oráculos de Maio*, acompanhada por um quarteto de cordas. (Nota da *IHU On-Line*)

José Carlos Barcellos - A teologia em *Grande Sertão* é muito complexa, como mostra a obra de Heloísa Vilhena de Araújo. Antes de qualquer coisa, há esse símbolo muito rico e inesgotável que é o próprio sertão na obra. Conforme Riobaldo vai tecendo seu discurso, o sertão vai se estendendo para a totalidade do mundo, da vida, e vai se abrindo a possibilidades de leitura que apontam para o mistério, o absoluto ou o transcendente.

IHU On-Line - **Existem milagres no sertão de Guimarães?**

José Carlos Barcellos - O milagre maior parece-me ser o milagre da existência e do mistério que está em tudo.

IHU On-Line - **Existe alguma religião que possa ser atribuída aos personagens do livro? Os personagens do livro são muito religiosos?**

José Carlos Barcellos - Sim, trata-se claramente de um referencial religioso católico que convive com outras tradições, como o kardecismo. Há vários estudos que procuram mostrar também alusões mais ou menos cifradas a outras doutrinas, o que é um procedimento comum em Guimarães Rosa.

IHU On-Line - **O romance organiza-se do encontro de Riobaldo, homem do sertão, com um "senhor" para quem Riobaldo narra sua vida. Será que podemos considerar que Riobaldo está se confessando? Quais seriam seus maiores pecados?**

José Carlos Barcellos - Boa parte da literatura moderna tem um caráter biográfico e, muitas vezes, autobiográfico. Não no sentido de ser a autobiografia do autor, mas no de colocar o personagem a narrar sua autobiografia, como vemos em *Dom*

*Casmurro*²⁰, *São Bernardo*²¹ ou *Grande Sertão*. Em última análise, essa valorização do indivíduo e de sua história de vida tem matriz cristã e é inaugurada pelas *Confissões*, de Santo Agostinho²². O mais importante não são os pecados, mas a tentativa de se perceber um fio condutor que atravessa toda a existência e lhe dá sentido. Para isso, é preciso o olhar de um outro que lance uma nova perspectiva de compreensão e aceitação.

IHU On-Line - **Riobaldo está numa eterna busca da salvação. Esta é a busca dos homens? Onde se insere a religião neste caminho?**

José Carlos Barcellos - Ao narrar sua vida, Riobaldo vai construindo aos poucos uma idéia de destino. Este é o percurso de qualquer narrativa: transformar o acaso em necessidade e, assim, dar um sentido aos acontecimentos. Em perspectiva cristã, esse destino é tecido no embate entre a liberdade do homem e a graça de Deus e é aí que se coloca a questão da salvação.

²⁰ Obra de Machado de Assis. *Dom Casmurro*. Erechim: Edelbra, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ *São Bernardo* é um romance escrito por Graciliano Ramos, publicado em 1934. *São Bernardo* é uma afirmação da literatura de Graciliano Ramos, projetando-o no panorama artístico-nacional. Após sua publicação, o autor passa a ser um escritor importante do momento literário que o País estava vivendo, preparando o terreno para seus futuros livros. (Nota da *IHU On-Line*)

²² **Aurélio Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo (Nota do *IHU On-Line*)

O espaço e o tempo no sertão

Entrevista com Paulo Soethe

Paulo Soethe leciona atualmente na Universidade Federal do Paraná (UFPR) na linha de pesquisa Teologia e Literatura. É graduado em Letras Alemão/Português pela UFPR, e mestre e doutor em Letras, com ênfase em Língua e Literatura Alemã pela USP com a tese *Ethos, corpo e entorno. Sentido ético da conformação do espaço em Der Zauberberg* e *Grande sertão: veredas*. Realizou diversas atividades de formação complementar na Alemanha, entre elas dois estágios pelo CAPES/DAAD na Eberhard Karls Universität Tübingen, e na Áustria. Desde 2003 Soethe dirige e administra o departamento de Letras Estrangeiras e Modernas da UFPR, e é coordenador de Convênio com a Universidade de Leipzig, Alemanha, entre outras atividades.

Por e-mail, Soethe falou à *IHU On-Line* sobre a ética dentro do sertão de Guimarães Rosa e como se determinam tempo e espaço na obra **Grande Sertão: Veredas**. Confira a íntegra da entrevista.

IHU On-Line - O senhor pode falar do seu trabalho desenvolvido no doutorado sobre o mundo roseano?

Paulo Soethe - Meu trabalho pretendeu compreender como se dá a conformação do espaço em textos literários (o entorno das personagens e o ambiente que elas partilham) e qual o sentido ético desse elemento formal quando se considera o texto literário como manifestação em meio a um discurso social mais amplo. Ou seja, interessou-me entender de que maneira a figuração do espaço, em si mesma, apresentava força declarativa ética. O *insight* inicial dessa abordagem surgiu de um argumento do filósofo e jesuíta brasileiro Henrique de Lima Vaz²³ sobre a etimologia do termo grego

ethos, que significava originalmente “abrigo protetor”. Esse espaço comum era partilhado por animais (*ethos* significava “estábulo” ou “toca de feras”, por exemplo) ou também pelos homens. Esse termo tão concreto assumiu sentido abstrato ao longo do tempo e passou a significar a dinâmica das relações que torna possível a partilha de um espaço comum. Assim, o significado que a palavra “ética” assume nos dias de hoje, como conjunto de hábitos, procedimentos e preceitos para o bom convívio, é também uma metáfora do espaço que dividimos ao conviver. Foi sob essa perspectiva teórica que analisei o espaço nos romances *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e *A*

filósofos católicos do Brasil da segunda metade do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921–2002): Padre Vaz foi um dos mais importantes

montanha mágica, de Thomas Mann, aproximando-os no que têm em comum.

IHU On-Line - Onde está inserido a ética na obra *Grande sertão: veredas*?

Paulo Soethe - Segundo argumentei em meu trabalho, a força declarativa ética de um texto narrativo ficcional não se encontra na enunciação argumentativa de princípios ou normas éticas. A reflexão ética, e mesmo a enunciação de princípios éticos, ocorre no romance em especial por meio da figuração e conformação do espaço partilhado pelas personagens. Elementos como a consciência de interioridade e exterioridade do corpo, a preservação ou invasão da integridade física do outro, a percepção sensível do espaço natural pelas personagens, a delimitação do espaço geográfico construído ficcionalmente segundo princípios econômicos, políticos ou militares, entre outros elementos, funcionam como uma espécie de “vocabulário” na constituição de imagens, motivos e situações que compõem o romance e dizem sobre a reflexão ética que ele encerra.

IHU On-Line - Como se determina tempo e espaço na obra *roseana*? O espaço físico participa ativamente das atividades mentais dos personagens de Guimarães?

Paulo Soethe - Como eu dizia, espaço e tempo são compostos a partir de elementos dados na obra. Não preexistem um espaço ou um tempo; ambos são construídos por elementos formais presentes no romance. Por outro lado, texto algum habita uma torre de marfim, e a literatura é tudo menos “pura forma”, como pretendem alguns. As obras literárias são partes de um discurso social, com valor proposicional e argumentativo. Sua especificidade formal, no entanto, é a de recorrer às dimensões estética, mimética e ficcional da linguagem, e por isso a atenção à

forma é tão importante na leitura e interpretação. Mas isso não exclui a literatura do universo da comunidade argumentativa em que ela nasce; pelo contrário, a forma é seu modo de inserção discursiva. No caso de *Grande sertão: veredas* alguns dos elementos do romance contêm indicações referenciais, permitem-nos situar a ação na realidade histórica e inserir o texto ficcional no debate em curso na realidade, na época de Rosa e até nossos dias.

Sobre o papel cognitivo do espaço, considero bem elucidativa uma série de exemplos em que às noções de interioridade e exterioridade física do corpo do outro desempenham um papel central. No texto roseano, Riobaldo expressa diversas vezes sua consciência sobre a linha que separa o corpo do espaço circundante. Essa linha está representada plasticamente em metáforas que assumem com frequência sentido ético ou afetivo. Uma das primeiras situações vividas por Riobaldo depois de ser reconhecido como o chefe Urutu Branco – que agora, pactário, pode dispor da vida e morte de outras pessoas – é o encontro com uma série de figuras indefesas. A primeira delas é “nhô” Constâncio Alves, um senhor assaltado pelo bando. Riobaldo, que acabara de se declarar incapaz “de ser uma coisa só o tempo todo”, terá essa sua inconstância posta à prova pela presença do homem indefeso. Durante a interpelação, surge em Riobaldo o desejo de matar nhô Constâncio. Riobaldo mesmo entende esse impulso como diabólico, “luz de Lúcifer”: “se esquentou em mim o doido afã de matar aquele homem, tresmatado”, é o que ele afirma. Mas não aceita passivamente o “doido afã”, e diz logo a seguir: “Ah, mas, então, do sobredentro de minhas idéias (...) uma minha-voz, vozinha forte demais, sumidou um cochicho. (...) Ah, um recanto tem, miúdos remansos, aonde o demônio não consegue espaço de entrar, então, em meus grandes

palácios. No coração da gente, é que eu estou figurando.” Essa voz da consciência, que no final leva Riobaldo a poupar a vida de Constâncio Alves, abriga-se dentro dele, no próprio corpo. E Riobaldo manifesta tal coisa utilizando uma metáfora herdada das *Confissões* de Santo Agostinho, como apontou o filósofo Benedito Nunes: a imagem do corpo como um “grande palácio”. Nesse palácio mantém-se intacto o recanto do “coração”, sede da memória, cômodo inacessível ao impulso instintivo de aniquilação do outro.

O corpo afigura-se no romance como espaço dividido entre a existência natural impulsiva e a existência cultural e moral. Para Riobaldo, “aquilo de ruim-querer” diante de sua vítima “carecia de dividimento – e não tinha”. É o momento da decisão ética, do “dividimento” entre bem e mal. Riobaldo pergunta-se: “o demo então era eu mesmo?”. Nesse episódio, a existência pulsional, sentida claramente no corpo, equivale ao “demônio”, e Riobaldo precisa lutar consigo para manter audível a voz do “coração”. Ao narrar o episódio, ele exprime isso ao dizer: “Ru, eh, masquei meus beijos, eu arreentasse. Vi que acabava tendo de matar, e era o que eu mesmo queria”. Para sufocar o “doido afã” de matar, Riobaldo apela às noções de justiça divina, conteúdo da memória (sediada no coração) de uma tradição ética milenar, que na realidade do sertão sobrevive na instância religiosa. Essa dimensão da memória e da tradição são explicitados no texto pela duração do “perfume do nome da Virgem” que “dá saldos para uma vida inteira”. Riobaldo, logo depois de “mascar os beijos” para conter-se, diz que “em instantâneo” achou “a doçura de Deus”: “Eu clamei pela Virgem... Agarrei tudo em escuros – mas sabendo de minha Nossa Senhora! O perfume do nome da Virgem perdura muito; às vezes dá saldos para uma vida inteira...” Essa lembrança oferece a

Riobaldo um recurso para escapar ao projeto “luciferino”. E por fim ele declara: “Por uma greta me saí, levando a salvo comigo o desgraçado nhô Constâncio Alves.” As dimensões do corpo e de sua realidade externa são as metáforas usadas para exprimir o conflito ético que Riobaldo começa a viver, entre a arbitrariedade do uso do poder que ele acabava de assumir e o respeito e temor diante do mais fraco. A palavra, num primeiro momento, está presa no interior do chefe jagunço que “mascava os beijos”, como instância de sua mera vontade e desejo “luciferino”. Quando Riobaldo, no entanto, se remete à memória ética figurada pelo “nome da Virgem” e pela “doçura de Deus”, essa palavra se transforma e possibilita a Riobaldo fugir do interior de si. Para resolver o impasse, o chefe Riobaldo, como Esfinge poderosa, propõe uma pergunta misteriosa, nhô Constâncio responde a contento, e é então liberado para seguir seu caminho.

A esse episódio seguem dois outros. Primeiro, Riobaldo quer matar um leproso a faca, mas é dissuadido por uma visão de Diadorim, que, transfigurado na Virgem, conclama-o à piedade. Depois que o leproso se vai, Riobaldo ainda pergunta, sem grande convicção: “Que aquele homem leproso era meu irmão, igual, criatura de si?”

A pergunta será respondida em outro episódio, o terceiro nesse caminho formativo de Riobaldo. Ao atravessar o Liso do Sussuarão, ele acaba tendo que matar um dos homens de seu bando. Treciziano, desnordeado pelo calor no deserto, ataca Riobaldo, e é morto por ele, a faca. Riobaldo mata em legítima defesa e invade, afinal, a interioridade do corpo alheio. Ao lembrar desse episódio, no entanto, quando narra o ocorrido, afirma ter finalmente entendido que “sangue é para restar sempre em entranhas escondida, a espécie para nunca se ver”. E pergunta-se: “Será por isso também que imensa

mais é a oculta glória de grandeza da hóstita de Deus no ouro do sacrário – toda alvíssima – e que mais venero, com meus joelhos no duro chão?” Ao longo desses três episódios, Riobaldo compreende de maneira plena que o corpo alheio não é para ser ferido, deve ficar intacto, e deriva disso um princípio ético de preservação da vida alheia, como valor. São as noções de espaço próprio e alheio, interioridade e exterioridade do corpo, que acabam por configurar o caminho cognitivo trilhado por Riobaldo – e também pelo leitor atento do romance.

IHU On-Line - Como é o contato entre os personagens do livro *Grande sertão*? Há criação de vínculos duráveis? Como o senhor caracterizaria os vínculos de Riobaldo com as outras personagens da obra?

Paulo Soethe - Riobaldo é a figura em formação no romance, e ao mesmo tempo o narrador que fala sobre sua vida em retrospectiva. Há vínculos duráveis com o amigo Zé Bebelo e com Otacília, a mulher. Há também vínculos comprometidos por uma possível culpa social, ao menos da perspectiva do leitor: Riobaldo mantém vários de seus companheiros jagunços como empregados em suas terras, depois que herda as fazendas de seu pai, Selorico Mendes, em testamento. E há ainda, sob o signo da culpa e da dúvida, o mais importante dos vínculos: com Diadorim, a “neblina” de Riobaldo, a força que impulsiona toda a narração. Esse vínculo ambivalente está marcado pelo amor diante do corpo morto, que afastara em sacrifício a figura diabólica de Hermógenes, e pelo desejo irrealizado de união física. Os vínculos de Riobaldo, afinal, são densos e capazes de avivar muitas dimensões de significado presentes no romance.

IHU On-Line - O medo está muito presente na vida de Riobaldo. Como ele lida com isso?

Paulo Soethe - O medo, como a culpa, marca decisivamente a perspectiva do narrador Riobaldo. “Demo” seria mesmo um significativo anagrama de “medo”, no romance. Riobaldo não é o herói corajoso, mas a personagem que se sabe limitada em sua criaturalidade, narrador inevitavelmente auto-irônico ao contar suas peripécias. Em sua fala, nada de autoconfiança pretensiosa; ela é marcada, isso sim, pela clarividência de grandes figuras na literatura moderna, cientes de sua fragilidade e dos perigos inerentes aos projetos totalizantes de nosso tempo, como também ocorre em figuras centrais nas obras de Dostoiévski, Kafka, Thomas Mann, Robert Musil²⁴.

IHU On-Line - O senhor teve contato com cadernos de anotações do escritor. O que senhor viu e percebeu sobre Guimarães Rosa?

Paulo Soethe - O Arquivo e a Biblioteca Guimarães Rosa no Instituto de Estudos Brasileiros da USP oferecem muito material inexplorado sobre o escritor. Está sistematizado de maneira muito competente e profissional pela equipe do IEB. Ao contrário do que às vezes se ouve, ainda há muito, muito mesmo, que descobrir sobre Rosa, a partir desse material. Em conjunto com Jaqueline Koehler, desenvolvi pesquisa, por exemplo, sobre sua recepção da cultura de língua alemã, e disso resultaram informações sobre procedimentos de criação lingüística a partir do idioma, suas referências em filosofia, artes, história e religião, seu entendimento sobre a presença de alemães no Brasil,

²⁴ **Robert Musil** (1880-1942): Exilado na Suíça por força da repressão nazi, o autor austríaco escreveu uma novela, *A Portuguesa*, que faz parte da trilogia *Três Mulheres* (Grigja, A Portuguesa e Tonka). A obra-prima de Musil é *O Homem sem Qualidades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. (Nota da *IHU On-Line*).

imigrantes e viajantes. A pesquisa também foi elucidativa sobre a estada de Rosa na Alemanha entre 1938 e 1942, como cônsul-adjunto enviado pelo Brasil sob o Estado Novo, e sobre sua relação com o que viu naquele país, sob o domínio nazista. Quanto a isso há um artigo meu no número mais recente da revista *Scripta* da PUC-Minas, em que destaco a figuração de certa culpa em contos de *Ave, palavra* por parte de um diplomata brasileiro em Hamburgo, que nega vistos de imigração a pessoas ameaçadas pelo nazismo e pela guerra. Um assunto difícil. Outro material que pesquisei dizia respeito à recepção das artes plásticas por Rosa. O contato com o material revela uma gama de interesses muito grande na pessoa do escritor. Também um grande cuidado seu com a sistematização de suas anotações de leitura e estudos, especialmente para a constituição de um grande vocabulário que servisse como reserva criativa para a escrita de seus textos. O próprio Rosa disse na famosa entrevista que concedeu a Günter Lorenz que sua biografia teria a forma de um dicionário. Infelizmente, foi um dos projetos suspensos por sua morte prematura. Afinal, o contato com o Arquivo e a Biblioteca de Guimarães Rosa pode ser muito elucidativo sobre a vida e obra do escritor. O material ainda tem muito de novo a oferecer e está acessível a todos.

IHU On-Line - Como a pintura e as artes plásticas em geral influenciaram o livro *Grande sertão: veredas*. Quais os principais exemplos desta influência, na obra?

Paulo Soethe - Para a análise da conformação do espaço na literatura é muito importante ter presentes os recursos de visualidade utilizados pelo escritor. Rosa aprende a lidar com esses recursos mediante o estudo de tratados de pintura e desenho (de René-X. Prinet)

e paisagem (de André Lothe²⁵), entre outros, bem como mediante as anotações sistemáticas durante visitas a exposições. Diante de um quadro “Paysage avec une ville”, de Aelbert Cuyp²⁶, pintor do século XVII, por exemplo, ele anota em uma caderneta de estudos para a obra: “Sinto, colho o espaço.” Um trabalho breve que publiquei em 2000 em coletânea da Universidade Federal de Pelotas apresenta alguns resultados de minha pesquisa, e em artigo recente para revista *Letras*, da UFPR, escrito com Sibeles Paulino, apresentamos um estudo sobre o tratamento da paisagem na obra de Rosa.

Em *Grande sertão: veredas*, percebem-se os resultados dos estudos do escritor, por exemplo na figuração de ambientes escuros. Há um episódio em que o bando de jagunços está reunido em uma noite de breu, logo depois que Riobaldo trava conhecimento com Otácia, e Diadorim trai seu ciúme. Já nas primeiras páginas do caderno “Estudos sobre Pintura”, presente no Arquivo do IEB, Rosa havia feito anotações sobre a utilização dos claro-escuros, dos valores, em um quadro ou desenho. Com a descoberta dos claro-escuros Rosa se depara com a possibilidade de representar com “verdade absoluta”, como ele mesmo escreve no caderno de estudos, a realidade física dos corpos humanos face a face, e ainda o espaço entre eles, como dados visuais palpáveis

²⁵ André Lothe, pintor francês e teórico de um cubismo purista como novo procedimento de criatividade, que entendia que uma regulação interna e articulada de toda composição permitia o acesso a sua inteligibilidade. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ Aelbert Cuyp (1620-1691): pintor Holandês. (Nota da *IHU On-Line*)

e significativas para a relação humana aí envolvida.

Também é curiosa a atenção que Guimarães Rosa dedica, em suas anotações e desenhos, a quadros em que se destaca a figuração de animais, cavalos e vacas em especial. Por exemplo, em quadros renascentistas e barrocos com motivos do nascimento de

Jesus e a visita dos reis magos, em que o estábulo em Belém está bem povoado com os animais. A revista *Realidade*, em dezembro de 1967, pouco depois da morte do escritor, publicou uma série de poemas inéditos de Rosa sobre o Natal, caracteristicamente ilustrados com a reprodução de telas como essas, bem adequadas ao gosto do escritor.

O sertão também existe na Alemanha

Entrevista com Marcel Vejmelka

Marcel Vejmelka é alemão, formado como tradutor em português e espanhol. Em 2000, sua dissertação abordou as traduções da obra de Jorge Amado na Alemanha. Depois, entrou no doutorado em estudos latino-americanos, especificamente, literatura brasileira, com a professora gaúcha Ligia Chiappini a única catedrática de literatura brasileira na Alemanha.

O tema da tese foi *Grande sertão: veredas de João Guimarães Rosa e Doutor Fausto de Thomas Mann: uma comparação intercultural*. Vejmelka comparou as trajetórias dos dois escritores, suas ligações e a recepção de suas obras.

Atualmente, realiza vários projetos na área da literatura brasileira e latino-americana. Também ministra aulas nessa área na Universidade livre de Berlim e na Universidade de Potsdam. O professor trabalha com teoria literária e teoria cultural.

IHU On-Line - A sua tese de doutorado faz uma comparação entre *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa e *Doutor Fausto* de Thomas Mann. Quais as conexões que podemos fazer entre os dois autores e suas obras?

Marcel Vejmelka - Os dois são, cada um no seu país, escritores decisivos no século vinte e no contexto da problemática sobre a identidade nacional e ao processo da formação histórica da nação. E há outro

dado interessante para uma aproximação entre Mann e Rosa: a ligação que cada um teve com o país do outro. A mãe de Thomas Mann²⁷ era brasileira, Guimarães

²⁷ **Thomas Mann** (1875-1955): romancista alemão, considerado por alguns como um dos maiores romancistas do século XX, tendo recebido o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich Mann e o pai de Klaus, Erika, Golo (aliás Angelus Gottfried Thomas), Monika,

Rosa esteve na Alemanha durante o regime nazista e a Segunda Guerra Mundial, como cônsul adjunto em Hamburgo. Então, comecei a ver como eram vistos os dois no outro país, constando, por exemplo, que, na Alemanha, não é tão conhecido o fato de a mãe de Mann ser brasileira, e isso quase nunca aparece nos estudos da obra dele, mantendo, assim, uma visão "pura" do escritor "alemão". Rosa sempre falou da sua grande admiração pela língua e cultura alemãs, e realmente há muitas referências à Alemanha nas interpretações da obra dele, inclusive se pode constatar um certo exagero por parte de alguns pesquisadores, como essa ligação do mais valor à obra. Além disso, comparei a recepção crítica e as traduções do *Grande sertão: veredas* na Alemanha e do *Doutor Fausto* no Brasil. Terminei com uma leitura dialogante dos dois romances que se confrontam com conflitos fundamentais e cruciais de seus países no século vinte, Mann com a sedução dos alemães pelo nazismo e Rosa com a modernização acelerada do Brasil. Nos dois casos, essa problematização se realiza mediante uma revisão crítica e criativa das tradições culturais nacionais e de um trabalho material com as dimensões históricas e regionais das línguas alemã e portuguesa. Lidos assim em conjunto e confronto, os romances de Rosa e Mann estabelecem realmente um diálogo tanto entre si quanto com a cultura e história de seus respectivos países: a "estória" de Riobaldo, de seu pacto e seu amor por Diadorim, situada no sertão mineiro e narrada numa linguagem "sertaneja artística", alegorizando a "formação do Brasil" e a vida do compositor Adrian

Elisabeth e Michael Mann. Thomas Mann ganhou repercussão internacional, aos 26 anos, com sua primeira obra, *Os Buddenbrooks* (*Buddenbrooks*), um romance que conta a história de uma família protestante de comerciantes de cereais de Lübeck ao longo de três gerações. (Nota da *IHU On-Line*)

Leverkühn²⁸, pactário sifilítico, em troca da inspiração musical como alegoria da Alemanha que se entrega ao nazismo - os dois livros vão descobrindo camadas profundas da modernidade, das suas contradições inerentes e dos seus avessos.

***IHU On-Line* - Existe alguma maneira especial de analisar Rosa? Como funcionou isso para o senhor?**

Marcel Vejmelka - Existem numerosas "modalidades" nos estudos roseanos: esotéricas, históricas, estruturalistas, psicanalistas etc. Entendo isso como sinal da riqueza de significados e valores que a obra de Rosa tem capacidade de transmitir, criar e inspirar. Isso já é também uma questão de posicionamento como pesquisador. A meu ver, a crítica literária exige certo rigor metodológico, mas também certa adaptação à obra. O crítico deve reagir ao que a obra lhe passou como impressão, intuição, preocupação e tentar organizar essas idéias e fazê-las dialogar com o próprio texto literário. Claro que algumas leituras da obra de Rosa não me parecem lá muito adequadas ou pouco fundamentadas pelos textos dele. Entretanto, assim, se mantêm as discussões, que são um elemento vital do nosso trabalho crítico que nos fazem repensar nossos pontos de vista e entender mais os dos outros.

***IHU On-Line* - Como foi a recepção da obra *Grande Sertão: Veredas* na Alemanha? Como é visto o livro pelos acadêmicos e o grande público?**

Marcel Vejmelka - Rosa foi traduzido e publicado na Alemanha na época do "boom" da literatura latino-americana. *Grande sertão: veredas* foi o primeiro livro traduzido, isto em 1964. Então, ocorreram vários deslocamentos: Rosa foi apresentado como uma versão brasileira do realismo mágico, como parte de uma

²⁸ Compositor. Personagem do livro *Doutor Fausto*. (Nota da *IHU On-Line*)

alternativa literária e imaginária ao esgotamento europeu no pós-guerra. Ao mesmo tempo, críticos influentes na época divulgavam uma imagem de Rosa como exceção absoluta tanto na literatura latino-americana quanto na universal: algo nunca antes visto, sem precedentes - mas nessa lógica também sem tradição, sem raízes nem no continente nem no país nem na região. Acredito que essas categorizações se deviam mais ao marketing do autor e do grupo de autores latino-americanos lançados na época e ao desejo dos mediadores de se posicionarem eles mesmos num espaço novo que eles poderiam passar a ocupar depois. A visão que se tem do Brasil na Alemanha, especificamente na literatura, até hoje continua norteadas por uma indecisão entre o "exótico" exuberante e uma literatura "absolutamente outra". Por isso, muitas obras não encontram o seu público, ficam limitadas a um círculo de leitores de "literatura brasileira ou latino-americana", não têm divulgação e interpretação fora desses mundos especializados. Hoje não há nenhum livro de Rosa no mercado alemão, as últimas edições datam de 1994, ano em que o Brasil foi país-tema da feira do livro de Frankfurt. *Grande sertão: veredas* teve um certo sucesso comercial nos anos 1960, com várias reedições, mas depois desapareceu simplesmente. No meio universitário, a situação está melhor, mas existem poucos trabalhos sobre ele feitos na Alemanha. Nos últimos anos, parece que só eu e um colega de Viena (o Dr. Stefan Kutzenberger) fizemos teses sobre Rosa nos países de fala alemã. Também existem poucos cursos sobre a obra roseana, talvez porque se acredita que seja muito difícil para os estudantes.

IHU On-Line - Sabendo da dificuldade da linguagem proposta por Guimarães como funciona a tradução de um livro como esse para o alemão? Existem diferenças estruturais?

Marcel Vejmelka - Falando de modo geral, uma linguagem como a de Guimarães Rosa, com essa densidade poética e inúmeras conotações a cada momento, terá de ser "alterada", inevitavelmente, ao ser traduzida para outra língua. No caso da língua alemã, me parece que a única diferença "estrutural" estaria no fato de não se tratar de uma língua românica (assim se diferenciando das traduções para o italiano, o francês e o espanhol que, de certo modo, trabalham com analogias ao texto original). Isso não é, entretanto, uma característica exclusiva do alemão. O importante é, a meu ver, sempre estabelecer a maior consistência possível do que um colega de Curitiba (Maurício Mendonça) chama de "projeto tradutório": uma leitura e análise profunda do texto original, determinação dos aspectos fundamentais e decisivos da linguagem a ser traduzida, a realização concreta disso no texto traduzido. No caso de Rosa, a inovação lingüística, o recurso da fala popular, sertaneja, a ambigüidade dos significados, a estrutura musical. A recriação desses elementos no sistema lingüístico e cultural alemão.

IHU On-Line - Quando o senhor leu Grande Sertão qual foi a imagem que teve do Brasil?

Marcel Vejmelka - Foi uma experiência muito marcante para mim, que só sei explicar com minha leitura do *Doutor Fausto* de Thomas Mann. Li o romance enquanto estava estudando no Brasil, quer dizer: estando fora da Alemanha. E a leitura me fez perceber algo como as bases profundas da identidade alemã e dos conflitos a ela inerentes. Algum tempo depois li *Grande sertão: veredas* (demorei para "juntar coragem" porque todos diziam que o livro era extremamente difícil), também no Brasil, no Rio de Janeiro. O texto me encantou desde o início, nem lembro quanto tempo levei para terminar o livro, mas foram só poucos dias. O que Rosa me revelou com esse romance foi algo como a constituição

interna da brasilidade, uma concepção de identidade que foge de todos os estereótipos presentes ainda hoje no mundo com relação ao Brasil. A história se passa no sertão, o texto se reveste de uma linguagem também do sertão, uma força arcaica revitalizada, como se fosse o passado, a experiência histórica acumulada do Brasil. O Prof. Willi Bolle diz que *Grande sertão: veredas* é o romance de formação do Brasil, concordo plenamente com isso, o romance contém uma reflexão profunda e crítica do que vem se formando como nação moderna no Brasil, com todas as suas contradições, seus conflitos e seus problemas.

IHU On-Line - Por que o interesse em trabalhar com a literatura latino-americana?

Marcel Vejmelka - Difícil de explicar ou determinar um motivo concreto. Meu interesse pelas línguas portuguesa e espanhola, pelo continente latino-americano se foi formando aos poucos. Sempre fui um leitor ávido. Pela leitura tento me aproximar de fenômenos e complexos culturais. Assim, tudo se foi juntando nessa direção, com a decisão de estudar línguas e literatura latino-americana. Se tivesse que indicar um momento inicial, certamente foi minha primeira visita ao Brasil com 15 anos, um encanto irresistível, um fascínio pela variedade e riqueza cultural do país, pela simpatia das pessoas.

IHU On-Line - O senhor tem um ensaio chamado *Guimarães Rosa na Alemanha: a metafísica enganosa*. Quais as principais idéias desse ensaio?

Marcel Vejmelka - Esse ensaio foi um núcleo da minha tese de doutorado. É o resultado imediato de minha leitura e análise da tradução alemã de *Grande sertão: veredas*, realizada em 1964 por Curt Meyer-Clason. Essa tradução até hoje é considerada uma das melhores traduções do romance, mas eu não

conseguia encontrar provas disso no próprio texto alemão, do qual eu não gosto nada. Então comecei a formular a minha crítica dessa tradução, tentando ver quais poderiam ter sido as razões tanto pela má qualidade da tradução quanto pela sua fama de ser boa, ótima, a melhor. O problema básico da tradução é o seu tratamento da linguagem: o texto alemão é um que respeita todas as regras da língua alemã: gramaticais, lexicais, inclusive estilísticas e discursivas. Portanto, o momento da transgressão, que é responsável pela força da linguagem roseana, desaparece na tradução. Vejo dois motivos: Por um lado, uma competência lingüística e cultural - ou intercultural - do tradutor muito menor do que se costuma afirmar até hoje em dia, por outro, um problema "ideológico": o gesto da tradução alemã é um gesto de apropriação do texto alheio, do mundo alheio que nele se expressa, dos significados que dele surgem: o texto é adaptado às regras vigentes da língua alemã, o texto é interpretado sob uma perspectiva limitada sobre o a América Latina, o Brasil, o sertão. Esses dois aspectos se manifestam na contradição existente entre o discurso de Meyer-Clason sobre o texto e o próprio texto traduzido. Ele apresenta *Grande sertão: veredas* como romance metafísico, universal, filosófico, mas apresenta um texto banal, vulgar, sem as características do original nem poeticidade própria. Desse modo, para mim fica evidente que os problemas da recepção de Guimarães Rosa na Alemanha se devem, em grande parte, aos problemas da tradução de *Grande sertão: veredas* e dos outros livros roseanos. São textos que não inspiram nem sustentam as leituras profundas ou complexas que são características para entender Rosa.

IHU On-Line - Os conflitos do personagem Riobaldo são conflitos universais?

Marcel Vejmelka - São. Na medida em que Riobaldo é concebido e criado por Rosa como jagunço e sertanejo, ele vai representando conflitos e significados universais. E toda essa dimensão universal só existe graças ao trabalho "regional" de Guimarães Rosa. Motivos como o pacto ou o amor impossível e trágico, da culpa pessoal e coletiva, do sofrimento e consolo que dá o contar da estória da própria vida, são universais, mas só com eles não se

consegue uma expressão literária universal, é preciso criá-la com uma base cultural e histórica concreta. É o que Rosa faz com o mundo dele, o sertão mineiro. Esse processo se condensa de forma mais impressionante e eficiente no tratamento da linguagem de Rosa: os recursos de oralidade, dos "causos", dos ditados, das músicas populares, tudo isso é o que mais dá corpo e forma ao que se poderia chamar de "universal" no romance.

Desvendando o projeto de Rosa

Entrevista com Kathrin Rosenfield

Kathrin Rosenfield nasceu na Áustria e vive no Brasil, desde 1984. É pesquisadora e professora de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com doutorado em Literatura pela Universidade de Salzburg e formação em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris VII, é autora de *Sófocles & Antígona*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, *Antigone - de Sophocle à Hölderlin*. Paris: Galilée, 2003, entre outros.

Ensaísta de rara erudição e sensibilidade, aprendeu português para ler Guimarães Rosa. Nesse campo de interpretações acerca da obra *Grande Sertão: Veredas*, a professora Kathrin Rosenfield lança seu trabalho *Desenveredando Rosa: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios roseanos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005. O livro abre novas trilhas nos estudos roseanos, e analisa, entre outros temas, a presença da poesia popular na obra de Guimarães Rosa; suas afinidades com o universo de Goethe e Dostoiévski; as semelhanças e as diferenças com Machado de Assis, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre.

Rosenfield Kathrin concedeu entrevista à *IHU On-Line* por e-mail. Na edição 139 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2005, concedeu a entrevista *A banalização torna a tragédia atual*, sobre a peça teatral *Antígona*, exibida na Unisinos em 5 e 6 de maio do ano passado.

***IHU On-Line* - De que maneira, ou por qual enfoque a senhora acha que Guimarães Rosa deva ser lido?**

Kathrin Rosenfield - Na arte, não há regras fixas. Por isso recomendo, num primeiro momento, que cada leitor

observe tão somente suas reações - prazer, desgosto, tédio, entusiasmo, incompreensão. Os bons livros são como a própria vida, na qual nós podemos nos situar de modos diversos, assumindo posturas e posições flexíveis. O gosto vem com o tempo, e, às vezes, os livros que parecem ser árdios no início tornam-se bem mais interessantes e belos quando aceitamos as asperezas. Isso vale também para Rosa.

IHU On-Line - Qual foi sua nova percepção sobre a obra de Rosa em seu novo livro *Desenveredando Rosa: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios roseanos? Qual é o ângulo da sua interpretação?*

Kathrin Rosenfield - Neste livro, procurei abordar a multiplicidade de elos com os pensadores brasileiros, com os poetas-pensadores alemães, as semelhanças de mentalidades entre o Brasil e a Europa Central e a Rússia de Dostoievski²⁹, e a questão dos gêneros (a fusão do épico e do lírico na narrativa roseana). Mas o novo volume contém também uma reedição do ensaio sobre, *Grande Sertão: Veredas* (estudo das estruturas míticas e do imaginário filosófico-religioso)

IHU On-Line - Como se relacionam na obra do autor filosofia, religião e psicanálise?

Kathrin Rosenfield - Rosa se inspira em grande parte dos antigos textos sagrados (Veda³⁰, Upanishades³¹, mitos

²⁹ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ Veda é a mais antiga e sagrada escritura do hinduísmo. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ Upanishades são uma coleção de textos escritos, na sua maioria, entre os séculos VIII e IV a.C. e que surgiram como extensão das quatro obras originais que compõem os Vedas (*Rig Veda*, *Yasur Veda*, *Samma Veda* e *Atharva Veda*). Na realidade, os Upanishades são também conhecidos como *Vedanta*, ou seja, o fim dos Vedas, e são

gregos e romanos, os místicos orientais e ocidentais), isto é, em obras que desconhecem a separação dos aspectos filosóficos, religiosos e psicológicos. Rosa coloca pensamentos sutis e complicados na mente de um personagem aparentemente simples.

É a vivência e a simples observação desse herói que fazem desabrochar um personagem multifacetado (um menino abandonado que se torna jagunço, depois chefe, e termina sendo herdeiro de fazendas de um pai rico que o reconhece somente tardiamente). E a narrativa de Rosa mostra que é o registro consciencioso das coisas concretas que desencadeia a reflexão. É com as coisas reais que surgem as coisas da sabedoria - não é preciso formular abstratamente para filosofar, os conceitos e pensamentos especializados perdem muitas facetas da existência, do sofrimento humano, da experiência psicológica e religiosa etc. Rosa acredita na poesia como Nietzsche e R. Musil - eles apostam na arte como um espaço no qual as diversas dimensões da vida confluem e no qual elas podem ser reordenadas ou reconfiguradas.

IHU On-Line - Quais eram as inspirações literárias de Guimarães? Ele pode ser comparado a quais escritores e por quê?

Kathrin Rosenfield - Para além dos "grandes, formidáveis clássicos" que já mencionei, Rosa tem muito dos poetas populares brasileiros, mas também dos grandes líricos alemães (Novalis³²,

atualmente considerados como uma das suas partes. (Nota da *IHU On-Line*)

³² Friedrich von Hardenberg (1772- 1801), mais conhecido por seu pseudônimo literário, **Novalis**, foi um dos principais representantes do romantismo germânico de fins do século dezoito. Quando criança, sofreu uma grave enfermidade, que o deixou acamado durante vários meses. Depois de curado foi que demonstrou seu temperamento: uma grande sensibilidade religiosa e poética, singulares numa criança. (Nota da *IHU On-Line*)

Rilke³³) que têm, como os poetas populares, o dom da observação dos detalhes concretos de bichos e plantas, das atmosferas da natureza, das sensações e sentimentos íntimos. Nesse nível, cabe mencionar também Simões Lopes Neto³⁴ que transformou os causos populares gaúchos, enriquecendo-os com a arte dos romancistas franceses (Flaubert³⁵ e Maupassant³⁶ que tratam

³³ **Rainer Maria Rilke** (1875 - 1926): escritor austríaco, considerado um dos poetas modernos mais importantes e inovadores da literatura alemã, por seu estilo preciso, pelas imagens simbólicas e suas reflexões. Poeta hermético, trabalha com os limites sensoriais da existência, da melancolia, a sua poesia traduz o fundamento da busca de ser. Entre suas obras, citamos: *O livro da vida monástica*, *O livro do peregrino* e *O livro da pobreza e da morte*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ **João Simões Lopes Neto** (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista *IHU On-Line* dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. O oitavo número dos *Cadernos IHU Idéias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Prof^a Dr^a Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no *IHU Idéias* de 4 de setembro de 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na *IHU On-Line* número 73, de 1º de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra Gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Notas da *IHU On-Line*)

³⁵ **Gustave Flaubert** (1821-1880): escritor realista francês. Flaubert leva à perfeição o romance realista e consegue a mais completa harmonia entre a arte e a realidade. Escreveu: *Madame Bovary*, *Bouvard et Pécuchet*, *Salambô*, *Os Três Contos* e *A Educação Sentimental*. (Nota da *IUH On-Line*)

³⁶ **Guy De Maupassant** (1850-1893). Entre 1875 e 1885, produziu a maior parte de seus romances e contos. Escreveu pelo menos 300 histórias curtas, das quais algumas se tornaram universalmente conhecidas, como *Bola de sebo*, *O colar*, *Uma aventura parisiense*, *Mademoiselle Fifi*, *Miss Harriett*, entre outras. Rapidamente, tornou-se

tão bem as complexidades e perversões da alma). Dostoievski é outra fonte importante, pelo retrato interessante da maldade humana e pelo volume emocional. E não esqueçamos tampouco os ensaístas brasileiros - Gilberto Freyre³⁷, Sérgio Buarque de Holanda³⁸, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna³⁹, Paulo Prado⁴⁰, cujas análises da mentalidade brasileira sustentam a construção do romance.

conhecido não apenas pelos franceses, como também por leitores de todo o mundo. Um aspecto que chama a atenção na sua obra é a variedade de temas que aborda. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ **Gilberto Freyre** (1900-1987): Escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen do ano, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional *La Madoninna*, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo Instituto Humanitas Unisinos. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU* número 6, de 2004, intitulado **Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações**. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de "homem cordial", examinado nessa obra. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Francisco José Oliveira Vianna**: sociólogo, ensaísta carioca e autor considerado, junto com Sérgio Buarque de Holanda, como primordial para a compreensão da formação ideológica e da questão territorial do país. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁰ **Paulo Prado** (1869-1943): escritor e ensaísta brasileiro, considerado junto de Monteiro Lobato um dos que melhor dominaram a arte e a prática de interpretar. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - O que liga e separa a obra *Grande Sertão: Veredas* do nosso novo milênio?

Kathrin Rosenfield – Rosa tem uma complexidade e um cuidado formal que não está muito na moda de épocas propensas à dispersão, ao consumo e ao divertimento fácil. Mesmo assim, há um carinho, um não sei quê amoroso que seduz sempre e graças a isso mesmo os leitores do novo milênio são atraídos por essa obra. O que é particularmente interessante em Rosa, nesse nosso novo milênio que começou com demonstrações de violência inimagináveis, é o retrato fiel da lógica maligna do ressentimento e do ódio. Não seria fácil fazer um paralelo entre o ódio que move os jagunços e os ódios que vimos nos Balcãs ou no Oriente Médio. Essa é uma das facetas que desenvolvi bastante no meu ensaio sobre *Grande Sertão*.

IHU On-Line - Muitas questões sobre *Grande Sertão* foram levantadas (exemplo questões ligadas à linguagem). Todas elas já foram respondidas? Quais as principais argumentações sobre a obra?

Kathrin Rosenfield – Entre as questões que mobilizam os leitores de Guimarães Rosa, apenas uma começou a se resolver razoavelmente: *Grande Sertão : Veredas* não é mais considerado um romance “ilegível”, embora nunca se tornou popular no sentido da preferência do grande público. No entanto, há outras questões sem nenhum consenso – e isso é um bom sinal, porque revela a complexidade da obra. Rosa foi elogiado (e de perspectivas bem diversas, como mostram os livros de Hansen⁴¹ e

⁴¹ **João Adolfo Hansen:** Escritor brasileiro e atualmente professor na USP. Entre outros, escreveu: *A Ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000 e *Solombra ou A sombra que cai sobre o eu*. São Paulo: Hedra, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

Fantini⁴²) como obra aberta que rompe com as fronteiras e explora inúmeras margens, tanto na ficção como na existência humana. Também já foi criticado por ter escrito uma obra regional, de ter assumido uma atitude regressiva, criando uma estética da pobreza (segundo Mainardi).

É preciso constatar que, por mais aberta e poligonal que seja a obra de Rosa, ele escolheu o universo – limitado – do sertão que não é um universo romanesco, mas pende bem mais para os gêneros do epigrama, da epopéia e da lenda (problema dos gêneros que aparece nos ensaios de Regina Zilbermann⁴³). Isso é um sinal que cabe meditar menos sobre analogias joyceanas de *Grande Sertão:Veredas* do que sobre suas diferenças. Rosa usa a ruminação reflexiva ao seu modo, com o vago objetivo de criar uma narrativa predominantemente lírica (e esta é uma grande diferença para com Joyce) que traz à tona um fundo emocional fundamental da mentalidade lusobrasileira. O verniz, a superfície moderna e joyceana cria um tênuo estranhamento que prepara outros

⁴² **Marli de Oliveira Fantini:** Escritora brasileira e professora do Departamento de Semiótica da Faculdade de Letras da UFMG. Escreveu, entre outros: *Fronteiras em falso: a poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000 e *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo: Senac; Ateliê, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **Regina Zilberman:** profesora e escritora, foi conferencista da noite de 13 de setembro, no **Seminário Erico Veríssimo: vida, obra e atualidade**, promovido pelo IHU em 2005, com a palestra **Incidente em Antares**. Sobre o assunto falou à *IHU On-Line* 154, de 12 de setembro de 2005, sob o título **Um autor “amado por seu público e criticado pelas instituições**. Entre as publicações de Zilberman, destacam-se: *A literatura no Rio Grande do Sul* (1980); *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e poesia do Rio Grande do Sul* (1985); *A leitura e o ensino da literatura* (1988); *Estética da Recepção e História da Literatura* (1989); *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul* (1999). (Nota da *IHU On-Line*)

deslocamentos da temática regional e da saudade. Isso já nos leva ao segundo problema – o do regionalismo, tão criticado como jogo coquete com o atraso do Brasil (por exemplo, por Diogo Mainardi⁴⁴). Entendo, em parte, as críticas contra o universo reduzido que aparece na obra de Rosa. Acredito, porém, que essa crítica é excessivamente cosmopolita. Mainardi, por exemplo, coloca-se a distância, medindo o mérito de Rosa (que é imenso no panorama da literatura brasileira) a partir de parâmetros inadequados. Na arte, é bom avaliar o que o que foi feito e o que foi possível fazer. Rosa começou como poeta e contista e desenvolveu sua técnica “romanesca”, com base nesses seus pendores predominantes. Seu *Magma* queria transformar a poesia popular em poesia popular-e-erudita, mas o próprio poeta julgou que essa tentativa redundara num beco sem saída. Dessa constatação e da grandeza de abandonar a poesia nasceu uma nova maneira de contar, aliando o realismo muito concreto com fantasias amorosas e místicas e com o desejo de elevação metafísica. Tudo isso representa uma criação bastante voluntarista, com base em dados históricos especificamente brasileiros. O gênero que Rosa criou e sua pré-história são muito distantes do romance (gênero europeu) propriamente dito. Essa observação assinala a diferença com os romances modernos de Proust⁴⁵ e Henry James⁴⁶, de Joyce e

⁴⁴ **Diogo Mainardi** (São Paulo, 1962) escritor e jornalista brasileiro. Mainardi tornou-se conhecido com sua coluna na Revista *Veja*, com críticas à sociedade brasileira e à esquerda. Controverso, vem ganhando muito destaque nos meios de comunicação. Atualmente também é membro do programa dominical Manhattan Connection, da GNT, transmitido no Brasil e em Portugal. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Marcel Proust** (1871-1922): É considerado um dos maiores e mais influentes escritores do século XX. Nasceu em Paris, em 10 de julho de 1871. Seu pai era médico e sua mãe, de família judia, rica e culta. Desde a infância Proust sofria com crises de asma.

de Musil. Esses representam a fina flor de um longo processo de fermentação artística e acúmulo intelectual, de uma “tradição formal”: essa não consiste apenas em um desenvolvimento narrativo, mas na plasmação de hábitos comunicativos diversificados que não existia no Brasil de Guimarães Rosa. Os temas amorosos que Rosa escolhe, por exemplo, podem parecer limitados quando pensamos que desde o século XVIII, o romance chamado “licencioso” integra os sentimentos e desejos desviantes na reflexão moral, força uma porta para um continente não tanto desconhecido, mas antes não-falado: o mundo de emoções complicadas, dúbias e fora da teia dos discursos legítimos. Crébillon Fils⁴⁷ é apenas um dos

Seus talentos literários se manifestaram desde o colégio. Cedo começou a frequentar os salões parisienses, como os de Mme. Arman, amiga de Anatole France, que o apoiou no lançamento do primeiro livro, que obteve pouco sucesso. Durante alguns anos Proust dedicou-se a traduzir e comentar o crítico de arte inglês John Ruskin. Em 1905, a morte da mãe o deixou profundamente abalado.

A obra de Proust foi, enquanto ele viveu, objeto de grandes controvérsias entre os que a consideravam genial e os que a proclamavam impossível de ser lida. Hoje é reconhecida como fundamental na literatura francesa. *Em Busca do Tempo Perdido*, um monumental trabalho literário, é um painel da vida social da alta burguesia francesa do final do século XIX, analisada não do ponto de vista científico da moda naturalista, mas por meio da introspecção subjetiva do narrador. Proust morreu de pneumonia em novembro de 1922. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ **Henry James** (1843-1916): Escritor estadunidense (naturalizado britânico ao fim de sua vida), autor de alguns dos romances, contos e críticas literárias mais importantes da literatura de língua inglesa. Era filho do teólogo Henry James Sr. e irmão do filósofo e psicólogo William James. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁷ **Crébillon Fils** (1707-1777): nasceu e morreu em Paris, filho de Jolyot Prosper Crébillon, moralista considerado rival de Voltaire. Cedo começou a frequentar salões e bailes e não demorou a pintar tais ambientes em seus textos libertinos, nos quais tecia análises psicológicas e retratava costumes da

representantes dessa tradição de “libertinos” no século XVIII, Proust é o apogeu dessa tradição. Ambos são representantes de uma longa e lenta complexificação da arte narrativa. É absolutamente impossível julgar Rosa nesse tipo de parâmetro que pressupõe não só um mundo e seus discursos, mas um longo processo de ambientação mimética desses discursos na literatura...

IHU On-Line - Podemos comparar com quem?

Kathrin Rosenfield - ...seria muito mais útil comparar Rosa com Goethe⁴⁸ e os pré-românticos alemães (Novalis e Rilke, por exemplo), do que com o romance moderno de Proust e Joyce. Isso não significa que Rosa cultive o “atraso”. Ele faz o que é possível e necessário em um determinado contexto. Isso aconteceu também em outras culturas. Goethe, por exemplo, que tanto fez para alçar a literatura alemã a certo patamar, também foi alvo de remoques sarcásticos que o censuraram como provinciano e sentimental. Sempre é possível criticar – até um monumento literário como Goethe – quando se escolhe uma perspectiva perspicaz, por exemplo, parâmetros franceses para um narrador alemão. Barbey d’Aurevilly⁴⁹, grande

época. Por causa deles, foi aprisionado durante alguns anos na Bastilha, de onde saiu para ocupar o cargo de censor real. Além de *O sofá*, publicado em 1742, é autor de *Égarements du coeur et de l'esprit* (1736), *La nuit et le moment* (1737), *Le hasard du coin du feu* (1740). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrm und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁹ **Jules Amédée Barbey d'Aurevilly** (1808 –1889) Novelista francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

narrador, embora quase desconhecido no Brasil, assumiu, diante de Goethe, o papel dos que, com mais ou com menos humor, riram do que chamam às vezes de “matutices sentimentais” do grande Rosa: escreveu que “morre de tédio” com os romances de Goethe, “obusado” [metralhado] pelos clichês das suas figuras femininas, pela repetição do “éternel tricot” que parodia, evidentemente, o “eterno feminino”, a representação goetheana do feminino que os alemães apreciaram como algo inimitável e preciosíssimo. Pessoalmente gosto dessas vozes dissonantes que aguçam o olhar.

IHU On-Line - Guimarães Rosa foi engajado ou omissivo na elaboração dos problemas políticos, religiosos e sociais do país?

Kathrin Rosenfield - Rosa se sentiu um autor muito engajado com a coisa política *latu sensu*. De certa forma, ele tinha uma posição bastante próxima de um Hölderlin⁵⁰ ou de Musil que eram muito sinceros na sua convicção de que um artista é “político” e “engajado” na medida em que cuida seriamente da sua linguagem, do refinamento estilístico de sua expressão, enfim, levando a sério sua arte. As implicações políticas da literatura – desde o surgimento das literaturas vernáculas, nas quais a mera escolha do francês ou do português (em vez do latim) já tinha implicações sociais, religiosas e políticas – surgiram, durante séculos, da complexidade da cultura, das diferenças de expressão dos diversos estratos sociais, grupos de interesse em conflito etc. Quem lê uma boa biografia de Shakespeare (por

⁵⁰ **Johann Christian Friedrich Hölderlin**: (1770-1843), poeta alemão, considerado uma das figuras mais notáveis da poesia alemã. Preparou-se para ser pastor luterano, mas não tomou ordens. Ganhou a vida como tutor de crianças de famílias de destaque na Alemanha, na Suíça e na França. Seu gênio poético somente foi reconhecido no século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

exemplo, a de Stephen Greenblatt⁵¹) conhece bem a plasmação desses conflitos estilísticos nos sermões e correspondências, provérbios e contos, nos jogos de mistérios e as nas tragédias que preparam o salto estilístico e a densidade da arte de Shakespeare. Acho legítimo para um artista não querer ser mais político do que Shakespeare, mantendo-se no limiar da arte, recorrendo somente a sugestões, analogias. A Rosa pareceria de mau gosto e artisticamente ilegítimo entrar no domínio dos conceitos e das ideologias. Ainda mais na sociedade na qual ele vive: carente de formas de expressão, de práticas e instituições com modos e estilos próprios. Certamente não é por acaso que Rosa escolhe o mundo sertanejo, o tema do pacto como veículos para a fusão de elementos vivos da cultura brasileira. As realidades políticas que ele reelabora são os problemas dos pensadores do Brasil: o caráter melancólico-saudoso com sua oscilação entre volúpia e violência; a cordialidade com suas cumplicidades malignas que permeiam todos os estratos da sociedade; o forte imaginário do clã (parental e eleitoral).

IHU On-Line - Que projeto literário Rosa tinha em mente

Kathrin Rosenfield - A tentativa de reforçar os elementos propícios para criar uma tradição autenticamente brasileira. No Brasil, o problema da *expressão literária* de sentimentos interiorizados, das perversões, das mil dobras interiores da alma, surge abruptamente, sem o preparo lento, no século XX. Mario de Andrade, por exemplo, no romance-novela ***Amar, verbo intransitivo*** toca na diferença abissal que separa a sensibilidade

⁵¹ **Stephen Greenblatt** (1943): crítico literário norte-americano Professor da Universidade da Califórnia em Berkeley. Autor de *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: EDUSP, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

amorosa e estética alemã (Fräulein) da do adolescente paulista. Todo esse problema, contudo, se resume em uma curta cena, numa alusão importante, ainda que germinal, às atitudes totalmente diversas (brasileira e alemã) diante da natureza, do corpo físico, do corpo feminino. Ainda nos anos 1920, esses problemas de adequar forma e conteúdo da interioridade são pouco elaborados - Clarice⁵², Osman Lins⁵³, Mario de Andrade, Oswald de Andrade⁵⁴,

⁵² **Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ **Osman Lins** (1924-1978): Nasceu a 05 de julho de 1924 em Vitória de Santo Antão, Pernambuco. Autor de contos, romances, narrativas, livro de viagens e peças de teatro, e distinguido com vários prêmios estaduais (Pernambuco e São Paulo). Em conferências a universitários, artigos de jornal, palestras com editores e no livro *Guerra sem testemunhas*, Osman Lins levanta problemas fundamentais da profissão de escritor. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁴ **Oswald De Andrade**, poeta, romancista e dramaturgo, nasceu em São Paulo em 11 de janeiro de 1890. Filho de família rica, estuda na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, em 1912, viaja para à Europa. Em Paris, entra em contato com o Futurismo e com a boemia estudantil. Além das idéias Futuristas, conhece Kamiá, mãe de Nonê, seu primeiro filho, nascido em 1914. Em 1926, Oswald casa-se com a Tarsila do Amaral e os dois tornam-se o casal mais importante das artes brasileiras. Apelidados carinhosamente

e muitos outros se debruçam sobre a conquista das formas especificamente brasileiras de sutilezas que já fazem parte de uma longa tradição europeia. Rosa percebeu muito claramente os desafios históricos da literatura brasileira e tinha um extraordinário dom artístico que lhe permitia expressar – numa nova forma! – alguns dos elementos essenciais da cultura luso-brasileira: a saudade, o pendor lírico, o fundo melancólico, o ativismo pragmático. Acho que isso é mais do que se possa esperar de um artista. Cabe à crítica descrever detalhadamente como essa fusão foi possível e como o valor de cada tema muda em qualidade e expressividade nessa fusão.

por Mário de Andrade como "Tarsiwald", o casal funda, dois anos depois, o Movimento Antropófago e a **Revista de Antropofagia**, originários do **Manifesto Antropófago**. A principal proposta desse Movimento era que o Brasil devorasse a cultura estrangeira e criasse uma cultura revolucionária própria. O ano de 1929 é fundamental na vida do escritor. A crise de 29 abalou as suas finanças, ele rompe com Mário de Andrade, separa-se de Tarsila do Amaral e apaixona-se pela escritora comunista Patrícia Galvão (Pagu). O relacionamento com Patrícia Galvão intensifica sua atividade política e Oswald passa a militar no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, o casal funda o jornal "O Homem do Povo", que durou até 1945, quando o autor rompeu com o PCB. Do casamento com Patrícia Galvão, nasceu Rudá, seu segundo filho.

“Muita religião, seu moço!”

O sagrado no Grande Sertão

Por Faustino Teixeira

O texto a seguir é de autoria do Prof. Dr. Faustino Teixeira do Departamento de Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Teixeira é também consultor da Capes e do ISER- Assessoria do Rio de Janeiro. É pós-doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, doutor em Teologia, pela mesma universidade com tese intitulada *A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil*, mestre em Teologia, pela PUC-Rio e graduado em Filosofia e em Ciências da Religião pela UFJF. Entre os livros publicados citamos *No limiar do mistério. Mística e Religião*. São Paulo: Paulinas. 2004. Ele foi o organizador do livro. Teixeira concedeu as seguintes entrevistas à *IHU On-Line* Sobre mística comparada na 133ª edição, de 21-3-2005; sobre John Hick e o pluralismo religioso, em 31-10-2005 sobre sua trajetória de vida, na entrevista intitulada *Uma declaração de amor a Teologia*, publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU de 16-12-2005, sobre as mudanças no campo religioso brasileiro, na edição 169ª de 19 de dezembro de 2005.

Em sua tese doutoral, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão assinalou que a cultura popular ganha uma compreensão particular, quando abordada sob a luz da religião. Os pesquisadores das formas populares de cultura consideram que a religião é a porta de entrada da consciência, não havendo esfera alguma da vida social que não esteja envolvida e significada pelos valores do sagrado. Para os setores populares, “a religião dá nome a todas as coisas e torna, até mesmo o incrível, o possível e o legítimo. Para os efeitos da vida, ela pretende sempre envolver o repertório mais abrangente das questões e fazer as respostas mais essenciais, de acordo com os interesses políticos, mas também de acordo com os medos e esperanças das mais diversas categorias de pessoas”. Para tais setores, a religião é, muitas vezes, o explicador “mais usual e, muitas vezes, o mais acreditado”.⁵⁵

O livro de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, é um exemplo bem concreto desta tese de Brandão. É uma obra que retrata, de maneira admirável e

⁵⁵ Carlos Rodrigues BRANDÃO. *Os deuses do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 16-7.

criativa, as formas populares de religião no Brasil. É um traço da genuinidade brasileira a rica ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o “outro mundo”. O que para o protestante tradicional ou católico romanizado seria uma expressão de pernicioso sincretismo ou superstição, para boa parte dos fiéis significa um modo de alargar as “possibilidades de proteção”⁵⁶. Em várias passagens desta obra de Guimarães Rosa, o personagem Riobaldo Tartarana expressa a força da presença religiosa e a dinâmica de sua complementaridade:

Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. (...) Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.⁵⁷

O sagrado acompanha os jagunços por toda a jornada nos sertões. Não há como escapar de sua mirada. Não há lugar para a lógica secularizada. Ao relatar a posição de um doutor do vale do Araçuaí, que desacreditava na presença de Deus, Riobaldo reage de forma contundente:

Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. (...) Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoadada – erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços.⁵⁸

A presença de Deus atua como um “escudo contra o terror”, mas não livra os jagunços da presença sempre ameaçadora do “demo”, que traduz uma situação de vulnerabilidade psicológica e de precariedade social extrema. Riobaldo expressa uma preocupação, que é comum, de evitar que o diabo nele ponha sela ou que o governe. O diabo está sempre rondando: “na rua, no meio do redemoinho”. Ele pode surgir, de repente, e exige uma vigilância constante. Ele é o “arrenegado”, o “cramulhão”, o “tinsnado”, o “temba”. Para fazer-lhe frente é necessário muita firmeza e coragem, e “Deus é alegria e coragem”. Na expressão do jagunço Jôe Bexiguento, “Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta”.

Visto na perspectiva da religião, esta obra de Guimarães Rosa traduz, de forma magnífica, a sabedoria popular, animada e reforçada pelo traço dinamogênico da presença do sagrado, de seu poder que ajuda a viver, a enfrentar as dificuldades da existência e a impulsionar a ação transformadora. A compreensão positiva da vida é uma das mensagens mais ricas que o livro traduz, permeando as singulares reflexões do jagunço Riobaldo:

Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom.⁵⁹

⁵⁶ Roberto DA MATTA. *O que faz o Brasil Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 115.

⁵⁷ Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 15

⁵⁸ *Ibidem*, p. 48.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 143.

Na visão de Tartarana, a vida é invenção e continuação permanente. Nunca está acabada. É construída na partilha e mutirão de todos. Tem momentos de dureza, dor e ingratidão, mas também lumiares de esperança, que brotam no fundo do desespero e da escuridão. Para enfrentar a vida, “carece de ter muita coragem”, foi o que sempre disse Diadorim, uma presença permanente, terna e enigmática na vida de Riobaldo. Há que aprender a levantar, mesmo quando o caminho é “resvaloso”.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza!⁶⁰

⁶⁰ Ibidem, p. 241-2.

destaques da semana

Entrevistas da Semana	pg. 37
Destaques on-line	pg. 55
Memória	pg. 57
Deu nos jornais	pg. 57
Frases da Semana	pg. 57

Entrevista da Semana

O trabalho nas metrópoles

Entrevista com Agostino Petrillo

Dando continuidade ao tema de capa da edição 177ª da *IHU On-Line* sobre o trabalho veiculada na semana do dia 24 de abril, entrevistamos Agostino Petrillo, professor da Universidade Politécnica de Milão sobre o tema *O trabalho na metrópole e no novo capitalismo*.

Segundo Petrillo, falar de trabalho e metrópoles, quer dizer procurar compreender a essência das metrópoles contemporâneas. «A metrópole atual é atravessada por enormes contradições, assinalada por maciços processos de desfrute e de exclusão, de criação de renda e de lucro », completa.

Entre seus trabalhos, está o livro *Città in rivolta. Los Angeles, Buenos Aires, Genova*. Verona, 2004, em que o sociólogo retorna ao seu tema de predileção: as metrópoles. Petrillo se debruça sobre as chamadas “revoltas urbanas” do decênio 1992 – 2001. O professor procura analisar de que modo o mercado de trabalho imigrante e a globalização se tornaram o combustível para organizadas ações de resistência.

Petrillo concedeu uma entrevista por e-mail à *IHU On-Line*.

IHU On-Line - Seu livro Cidades em Revolta de 2004, fala da situação de Los Angeles, Buenos Aires, Gênova, com milhares de pessoas indo às ruas. Agora temos as mobilizações na França e em várias cidades americanas (imigrantes). Contra o que estão em revolta as grandes metrópoles?

Agostino Petrillo - A idéia central de *Città in rivolta. Los Angeles, Buenos Aires, Genova*: Verona, 2004, era a de considerar as sublevações dos últimos quinze anos numa perspectiva global, não mais unicamente nacional, dando particular atenção à emergência de realidades de massa de contestação e conflito urbano com características diversas do passado, que se inscreviam

num contexto metropolitano profundamente mudado quanto à composição social, a modalidade de funcionamento e a valências complexivas. No que se refere à França, a fácil profecia contida no livro, no qual se considerava inevitável em breve prazo uma nova explosão dos subúrbios, era o resultado unicamente de uma consideração objetiva da situação. Na verdade, sobre os subúrbios quase tudo já fora dito, a análise era completa e realizada sob diversas vertentes disciplinares, as lógicas segregadoras em questão tinham sido analisadas em profundidade, tinham sido analisados os aspectos de “*etnicização*” dos problemas, os erros na intervenção do Estado, o crescimento das barreiras internas, o

nascimento de formas de um verdadeiro e próprio “*apartheid escolástico*”. A falência da *politique de la ville* era evidente, como também era notório entre os jovens o rancor e o sentimento de serem vítimas de uma injustiça. Para criar uma mistura explosiva, contribuíam as promessas de integração não mantidas, os sacrifícios feitos para “tornarem-se franceses”, sem que houvesse o mínimo retorno quanto à mobilidade e às chances de promoção social, e as responsabilidades públicas eram claras, faltando apenas uma ocasião para exprimir este ressentimento.

Por isso considero mais interessante explorar brevemente as modalidades com que a revolta se expressou, antes do que refletir uma vez mais sobre as causas, aliás, bem conhecidas e, nesta altura, há anos abundantemente ilustradas nas bibliotecas acadêmicas.

Significativo é o fato que, durante a revolta, tenham sido com freqüência tomados em consideração precisamente os símbolos da *politique de la ville*, escolas, centros culturais, departamentos. Não há aí insensatez “autolesiva” na escolha de objetivos deste tipo, senão antes a consciência de que as intervenções políticas foram interpretadas como uma “gestão do *status quo*” da segregação. A violência contra os *équipements collectifs* é o sinal de que esses não foram vistos como expressão de uma vontade de melhoria da situação, mas como elementos de uma estratégia de contenção, de redução do dano. A *politique de la ville* nascera como constatação do fato de que as políticas *welfarianas* ou *pós-welfarianas* eram insuficientes para enfrentar situações de marginalidade e de exclusão, mas o fracasso atual das intervenções faz pensar que os instrumentos utilizados sejam insuficientes, caso se queira realmente incidir sobre as causas da segregação, ou, que seja sempre mais

difícil assegurar o controle de determinados territórios com instrumentos de governo atualizados, mas, no fundo ainda tradicionais. Tanto mais quanto me parece que elementos de convencimento e de consciência política sejam ainda embrionários, que elementos de “requisição de política” surjam com força da revolta de novembro, precisamente dos objetivos, da escolha da “violência contra os objetos”, e não contra as pessoas.

Entretanto, o que ocorreu na França não é o fruto de uma específica falência totalmente francesa, pois em outros países europeus, com diferenças, é claro, existem condições análogas. O problema dos migrantes e de sua inserção nas realidades urbanas européias está bem longe de ter encontrado uma solução satisfatória. E, não são só os migrantes a sofrerem o processo de repulsa, faixas amplas da população autóctone são jogadas às bordas físicas e metafóricas das cidades. Cresce a precariedade do trabalho jovem, crescem assentamentos marginais, *enclaves*, periferias novas. Não se pode, todavia, pensar que as populações penalizadas e marginalizadas na Europa atual ficarão tranqüilas para sempre, confinadas nos espaços que lhes foram reservados. Existe na Europa uma grande hipocrisia, que cobre a desigualdade, que nega ser a insegurança social o resultado de mudanças estruturais intervindas, que apela a sempre mais distantes confins de legalidade estabelecidos em outras épocas históricas para defender privilégios e injustiças. Semelhante situação não pode durar por muito tempo, novas formas de política e de participação são necessárias, caso se queira evitar a deflagração de processos involutivos, com conseqüências dificilmente avaliáveis. O que permanece da esquerda européia, todavia, parece incapaz de enfrentar um quadro rapidamente modificado, e ela

continua paralisada em posições amplamente desatualizadas.

Diversa, ao invés, me parece ser a situação dos Estados Unidos, nos quais as mobilizações das últimas semanas são um poderoso exemplo do arraigamento e da força dos movimentos dos migrantes. Mas, os Estados Unidos são um país no qual é difícil pensar uma política radicalmente antiimigrados, sabem-no bem também os conservadores mais acalorados e o apelo às temáticas identitárias tem valor bem mais do que simbólico, dado que os americanos sabem que descendem em boa parte de “*illegal aliens*”. Ser “americano”, como escreveu Michael Walzer⁶¹, é algo bem diverso de ser “alemão”, “francês” ou “italiano”.

Não quero, com isso, negar que também nos Estados Unidos não estejam em curso processos de “eticização” dos migrantes, de precarização do seu trabalho e do seu *status* de cidadania, mas estes processos são, em todo o caso, freados por uma consciência histórica de massa das modalidades com que ocorrem os ciclos migratórios e suas implicações geracionais.

Metrópole: exposição universal das formas de trabalho

***IHU On-Line* - O tema do trabalho pode ser considerado a chave de leitura para compreender a desagregação que acontece nas grandes cidades?**

Agostino Petrillo - Falar de trabalho e metrópoles, quer dizer procurar compreender a essência das metrópoles contemporâneas. A metrópole atual é atravessada por enormes contradições,

⁶¹ Michael Walzer (1935): prestigiado ensaísta americano é filósofo e político. Autor do livro *Esferas da Justiça: uma Defesa do Pluralismo e da Igualdade*, São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Nota da *IHU On-Line*) (Nota da *IHU On-Line*)

assinalada por maciços processos de exploração e de exclusão, de criação de renda e de lucro. O fato de o sistema da produção fabril do século 19 ter sido ultrapassado, produziu, como sua conseqüência, a dispersão e fragmentação das formas de trabalho, bem como daquelas do conflito. O panorama que a metrópole atual nos oferece é o de um enorme repertório das formas históricas do trabalho, e, para dizê-lo com uma bela expressão do filósofo italiano Paolo Virno⁶², ela é “a exposição universal” das formas do trabalho. Não só do trabalho moderno: assalariado ou independente, nele reafioram formas arcaicas: trabalho clandestino, forçado, gratuito, escravista. E estas formas arcaicas convivem com as “superiores” e sofisticadas, com o trabalho sempre mais refinado e abstrato das novas elites ligadas ao conhecimento e às tecnologias. Nas cidades globais, como por diversas vezes

⁶² Paolo Virno (1952): filósofo e semiólogo italiano de orientação marxista. Atualmente, leciona na Universidad de Cosenza. Em 1977, apresentou sua tese de doutorado sobre o conceito de trabalho e a teoria da consciência de Theodor Adorno. Entre seus livros estão: *Gramática de la multitud. Para un análisis de las formas de vida contemporáneas*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003; *A Grammar of the Multitude: For an Analysis of Contemporary Forms of Life*. New York: Semiotext, 2004 e *Cuando el verbo se hace carne. Lengua y naturaleza humanas*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2005. Paolo Virno concedeu a entrevista *O desemprego de massa: O direito à vida não passa mais pelo trabalho assalariado* à *IHU On-Line* na 98ª edição, de 26 de abril de 2004. Na 161ª edição, de 24 de outubro de 2005, publicamos a entrevista de Virno concedida à *IHU On-Line* *O cérebro social como interação direta entre sujeitos de carne e osso*.

Também publicamos a resenha de dois livros do filósofo: *Gramática de la Multitud* e *El Recuerdo del presente*, na 71ª edição, de 18 de agosto de 2003. Dele também reproduzimos uma entrevista concedida ao jornal *Clarín*, em 24-12-04, na edição número 132, de 14 de março de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

fez relevar Saskia Sassen⁶³, por vezes, no mesmo arranha-céu, nos andares mais altos encontramos os profissionais liberais dos saberes e, nos porões, os trabalhadores semi-escravizados do trabalho negro. É como se o capitalismo extremo, no qual nos encontramos a viver, tivesse decomposto o trabalho na somatória das “figuras” que o contradistinguiam em outras épocas. Delineia-se um tempo final e decisivo das relações entre trabalho e capital, no qual a atomização e a individualização das relações de trabalho parece fazer intuir um limite insuperável às formas de exploração, fazendo oscilar o pêndulo da história entre a sujeição extrema e as novas liberdades.

Metrópole e novas formas de trabalho

A metrópole atual é indispensável para o funcionamento das novas formas do trabalho, e representa um modelo que faz assinalar continuidade, mas, sobretudo cortes com respeito às realidades metropolitanas da história urbana precedente, enquanto nela se manifesta um entrelaçado hegeliano de tendências e contratendências, de possibilidades e negações destas possibilidades. Na metrópole contemporânea, parece, de uma parte, chegar à plena maturação uma tradição que vê, no urbano, a progressiva concentração de enormes capacidades produtivas, a realização de uma tendência secular a transformar as cidades de parasitas dos campos em comunidades produtivas, *Produktionsgemeinschaft*, como dizia, em fins do século dezenove, Karl

⁶³ **Saskia Sassen** (1949): nascida em Haia, na Holanda, durante muitos anos foi especialista de planejamento urbano na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, e atualmente é professora de Sociologia na Universidade de Chicago. (Nota da *IHU On-Line*)

Bücher⁶⁴. De outra parte, esta capacidade produtiva necessita de um elemento cooperativo comum, para poder concretizar-se. Linguagens, culturas, modos de vida são postos a trabalhar e se tornam elementos de uma produção na qual se acentuam os componentes cognitivos, em redes sociais, como intuiu entre os primeiros Henri Lefebvre⁶⁵ nos anos 1970. Fatores políticos, porém, controlam e determinam o desenvolvimento desta enorme força produtiva que emergiu da fábrica. Novas elites fazem, sim, a metrópole se tornar um enorme recipiente de atividades, e de exploração, e impõem compartimentações, freios e bloqueios. Num plano mais amplo, o próprio papel desenvolvido pelas cidades globais parece, em boa parte, uma função política de determinações da distribuição das riquezas em escala planetária.

Os fios de novas resistências

Na metrópole, pode-se ler em filigrana um ponto de chegada e, ao mesmo tempo, um momento de parada, se não se trata precisamente de uma “forma antagônica do desenvolvimento”, como dizia da sociedade civil o Marx dos *Grundrisse*. Individualização do trabalho e, ao mesmo tempo, integração e cooperação elevados a níveis impensáveis no passado. Sem dúvida, o trabalho associado, a cooperação, são desde a Antiguidade as cifras do destino da cidade, como relevou, primeiro que todos, Aristóteles. Há uma destinação do urbano entendido como dimensão coletiva, como elemento comum. E, não obstante, estas tendências aparecem

⁶⁴ **Karl Bücher** (1847-1930): economista e político alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁵ **Henri Lefebvre** (1901-1991): foi um importante filósofo marxista e sociólogo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

freadas, bloqueadas, as gigantescas potências criadoras desenvolvidas pela máquina metropolitana acabam sendo cotidianamente detidas e expropriadas, como repetidamente observou Antonio Negri⁶⁶. Entretanto, na metrópole, atam-se também os fios de novas resistências, cresce um proletariado diverso, composto, dividido, que alude, embora em forma ainda episódica, a uma organização diversa da vida urbana e do trabalho.

IHU On-Line - Hannah Arendt fala que a era moderna, com o surgimento da Revolução industrial, trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade operária. Agora com a crise do emprego como ficam as sociedades?

Agostino Petrillo - Além da aparente paralisação das alternativas nas quais gira a situação atual, existem, portanto, também todas as condições de possibilidade de uma evolução ulterior, aquela permitida pela liberação das enormes potencialidades que o crescimento das tecnologias, das capacidades humanas, dos conhecimentos, estaria em condições de desencadear. Insistir, como fazia

⁶⁶ **Antonio Negri**: nasceu em Pádua, em 1933. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 1954, entrou no PSIUP de Pádua (partido que posteriormente se integraria ao Partido Socialista), que possuía a maioria do movimento operário, em virtude da grande concentração industrial da região. No mesmo ano, recebeu uma bolsa para estudar na Sorbonne, onde seguiu cursos de Georges Gurvitch, Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty e Jean Hyppolite. Em 2000, publicou o livro manifesto *Império*, com Michael Hardt. Atualmente, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou recentemente *Multitudes*, com Michael Hardt. (Nota da *IHU On-Line*)

Arendt⁶⁷, na importância e na centralidade da dimensão pública, equivale a insistir na existência de um mundo sempre mais comum, no qual a própria produção está profundamente ligada à permuta lingüística e à comunicação interpessoal. Precisamente neste crescimento subterrâneo e, no entanto, contínuo do que é comum, do *Gemein*, teria dito Marx, é possível colher o perfilar-se de uma outra metrópole entre as formas enrijecidas da velha. A metrópole contemporânea hesita entre esses seus possíveis destinos, perpetua estruturas e aparências do passado, quando nela já estão presentes e operantes os germes de uma evolução e de um desenvolvimento diversos. Mas, as formas do urbano consuetudinário correm continuamente o risco de fechar-se, como uma pedra sepulcral, sobre estas potencialidades, de bloqueá-las, encerrando-as entre velhas e novas

⁶⁷ **Hannah Arendt** (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica, nasceu em Hannover (Alemanha). Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Yaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Propôs, em uma distinção inusitada, que os termos labor, trabalho e ação fossem entendidos como diferentes formas de atividades fundamentais do ser humano, sendo aquele vinculado às necessidades biológicas, o intermediário ao artificialismo da vida moderna e esta às relações entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). (Nota da *IHU On-Line*)

divisas e fronteiras. Uma metrópole verdadeiramente “comum” só poderá emergir da ruptura dos vínculos atuais, e somente caso se criarem as condições para semelhante ruptura.

Crescimento urbano se dissociou do desenvolvimento econômico e social

IHU On-Line - Com a intensificação da globalização, que papel desempenharão as cidades no século XXI?

Agostino Petrillo - Antes de tudo, é preciso dar-se conta de alguns dados de fato: o destino metropolitano da humanidade, o “fazer-se cidades do planeta”, apenas intuído e pressagiado por grandes sociólogos do início do século 20, tornou-se comum para boa parte dos homens do terceiro milênio. Neste sentido, o século 21 se apresenta como a época da generalização das condições metropolitanas, nas quais a maioria da humanidade já vive e sempre mais viverá em grandes aglomerações urbanas.

Para muitos dos novos cidadãos, o salto realizado com respeito às condições de vida precedentes foi enorme: milênios de tradições e de culturas locais foram queimados no breve lapso de tempo que requereu uma viagem das aldeias de origem às metrópoles. Quando se percorre a lista das cidades mais populosas do mundo, é fácil encontrar nomes que nos falam de cidades-gigantes crescidas num punhado de anos. Lagos, Dacca, apenas para citar algumas, que viram os seus habitantes multiplicarem-se por cinquenta, por cem, num giro de pouco mais de um trinta anos.

Não é um processo indolor, a urbanização acelerada que caracteriza vastas zonas da Ásia e, mais recentemente, também da África, é um crescimento selvagem e em certos traços desumana, que ocorre ao preço da destruição de elos consolidados e de

maneiras de viver tradicionais, aos quais freqüentemente não se confronta nenhum tipo de certeza e de segurança para quem se transfere à grande cidade em busca de uma vida melhor. Nem sequer se pode falar de um progresso que, todavia, não obstante as dificuldades e os sofrimentos resultaria, em última análise, destas tendências do desenvolvimento urbano. Certamente a cidade continua aparecendo aos migrantes como o único remédio à pobreza rural, mas se difundem modelos de cidades que têm cada vez menos pontos em comum com aquelas do passado. Crescimento urbano e desenvolvimento econômico e social não andam mais de braços dados. As megacidades terceiro-mundistas são muito limitadamente máquinas produtivas, mas funcionam também como portadoras de desocupação, precariedade, trabalho informal e pobreza extrema. Nelas, a miséria tornou-se uma condição de normalidade e, para uma grande parte dos seus habitantes, é um desafio de cada dia. E o processo certamente não está concluído: as previsões das agências das Nações Unidas nos dizem que nos próximos trinta anos a população urbana crescerá em outros dois bilhões de pessoas, enquanto a população rural permanecerá tendencialmente estável. O crescimento ainda estará concentrado nos países menos desenvolvidos, em particular no Sul e no Sudeste asiático e na África sub-saariana onde, nos próximos 15 anos, muitas grandes cidades duplicarão a própria dimensão. Também mudam as cidades do mundo desenvolvido, nelas se afirmam tendências novas, com base nos processos de globalização e de acrescida competição entre as cidades, e tomam forma realidades extremamente diferentes do passado, estruturam-se diversas modalidades de organização, de funcionamento e de disciplinamento da vida dos habitantes da própria cidade.

A nova centralidade das metrópoles

Este panorama mundial das cidades em rápida mudança, no qual a situação das realidades urbanas singulares aparece mais ligada a um quadro global de andamento da economia, que prescinde das velhas estruturas de relação e de subordinação que se haviam consolidado com o tempo, deixa em aberto hipóteses contrastantes sobre desenvolvimentos futuros. O que emerge, com certeza, é uma nova centralidade das metrópoles, que interage numa relação complexa com os territórios e com as outras realidades urbanas. Criam-se redes planetárias de cidades que estão hierarquizadas em sentido econômico-funcional e que parecem, em parte, substituir o papel outrora desenvolvido pelos estados nacionais.

Por esses motivos, no que se refere à reproposição em escala mais ampla da dialética interna às metrópoles que se procurou traçar precedentemente, e porque se torna mais clara a percepção do fato de que uma parte considerável das mudanças e dos conflitos atuais passa por uma “disputa pelo espaço” de dimensões planetárias, o conflito em curso apresenta numerosos aspectos enigmáticos. De fato, não é fácil definir as modalidades de desenvolvimento nem é muito viável indagar os futuros que este conflito parece começar a prefigurar. O destino último que nos reserva a globalização sob o perfil da nova articulação das metrópoles é ainda obscuro.

A teoria das cidades parece hesitar diante da quantidade de problemas com que elas se encontram confrontadas. As metrópoles do século XXI poderiam representar tanto o momento de passagem a um capitalismo diverso, dominado por um “arquipélago de ilhas do bem-estar” em que se concentraria o poder econômico, financeiro e decisório, circundadas, porém, por oceanos de

pobreza e marginalidade, quanto os fatores de uma progressiva integração mundial maior, como portadoras de uma cooperação que vai além dos confins nacionais e, por estes elementos de um novo sistema de organização planetária ainda em via de definição, tecer o mosaico de uma constelação ainda em via de definição. Entre os estudiosos, parece, no entanto, prevalecer um certo pessimismo: os geógrafos alemães sublinharam nos últimos anos, com crescente preocupação, as tendências à fragmentação atualmente em andamento, seja num plano geopolítico mais geral, seja no interior das próprias metrópoles. Nas grandes aglomerações, começar-se-ia a distinguir zonas “globalizadas”, nas quais reina o bem-estar e que estão conexas à grande rede internacional das cidades, e zonas marginais nas quais predominam pobreza, tribalismo e violência.

Neste confuso co-existir de pré-história e de pós-história, são procuradas, por isso, as respostas que verdadeiramente nos importam, desenham-se os diversos futuros urbanos possíveis. Ainda cabe a nós, em todo o caso, procurar definir o quadro de um espaço no qual nos agradaria viver e atuar para a sua realização.

Destaques on-line

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) durante a última semana. As entrevistas podem ser conferidas na editoria *Notícias Diárias* do sítio, nas datas indicadas na introdução de cada entrevista.

Um panorama da gripe aviária

Entrevista com Martin Sander

Nas *Notícias Diárias* do site do IHU do dia 28 de março de 2006, reproduzimos uma reportagem publicada no *Jornal da Unicamp* de 27 de março sobre a gripe aviária. A referida matéria noticiou um plano de emergência que começou a ser traçado por pesquisadores da Unicamp e da Unisinos em uma reunião realizada no último dia 23 de março, no Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (Imecc) da Unicamp. Na ocasião, biólogos, matemáticos, veterinários e ornitólogos discutiram diversas questões ligadas ao avanço do vírus causador da doença, esperando que o plano de emergência seja destinado ao monitoramento extraterritorial de uma potencial rota de entrada da gripe aviária no Brasil, por meio das aves migratórias.

Esse foi o tema de uma entrevista realizada pela equipe da *IHU On-Line* com o professor Martin Sander, pesquisador do Laboratório de Ornitologia e Animais Marinhos da Unisinos, que participou da reunião, fazendo uma minuciosa explanação sobre o comportamento das aves migratórias, mais especificamente as originárias da Antártica. A entrevista a seguir, foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU do dia 28 de abril de 2006.

A entrevista foi realizada pessoalmente, no gabinete do professor.

***IHU On-Line* - Quais os principais pontos do plano de prevenção contra**

a gripe aviária traçado pela Unicamp

e pela Unisinos? Como se deu essa parceria?

Martin Sander - Ainda não foi feito um plano de prevenção. A Unicamp achou interessante trabalhar com gripe aviária, porque, por meio do Instituto de Matemática, que trabalha com modelagem matemática, associado a outros dados locais e biológicos, pretende fazer um modelo dinâmico. A idéia era projetar quanto tempo a gripe aviária levaria para se alastrar até o centro do País, por exemplo, se ela entrasse pelo Nordeste do Brasil, em um determinada cidade, e que tipo de problema ela traria, quantas pessoas seriam atingidas. Tudo isso seria feito por meio de um modelo que simula uma espécie de realidade, com base em estatística e em banco de dados ambientais. Paralelamente a isso, a Unicamp tem um laboratório de virologia. Esse laboratório se colocou à disposição para analisar aves, no sentido de ver se elas estão contaminadas ou não.

A tradição da Unisinos com pesquisa de migração de aves

Procurando o banco de dados sobre migração de aves, a Unicamp encontrou a Unisinos. Nossa universidade vem trabalhando com migração de aves desde 1981, quando começou a pesquisar na Antártica e, um pouco antes, com a migração de aves de praia do Rio Grande do Sul e nas matas do Estado. Temos um certo *know-how*, seja em publicações ou em congressos sobre o tema. Foi por meio deste contato inicial que começamos a montar um projeto para ir à Antártica, para coletar amostras em aves que atingem a costa brasileira. Nesse trabalho, o papel da Unisinos simplesmente seria dizer em que lugares na Antártica há grandes grupos de aves, quais são as espécies, como as mobiliza e as coleta. A Unisinos seria um grande

apanhador de aves, esse é o nosso principal papel: ir até as diversas ilhas, segurar as aves, uma por uma, para que o pessoal da Unicamp possa coletar material com um cotonete na cavidade do bico delas e da cavidade cloacal, fazendo um esfregaço, que deverá ser examinado, em laboratório, para ver se é positivo ou negativo em relação ao vírus da gripe H5N1. Chegamos a montar o projeto que, em função da pressa no acesso aos órgãos de fomento, não teve muito apoio. Devido a estes fatos, perdemos a logística de ir para a Antártica no último verão. Agora, com mais apoio, estamos planejando ir para lá em novembro desse ano, para fazer essa coleta.

IHU On-Line - Quais as principais questões ligadas ao avanço do vírus causador da doença?

Martin Sander - Isso tudo começou na Ásia. Olhando os dados desses últimos cinco anos, não me assusto diante dos fatos. Em primeiro lugar: o vírus não está se propagando de humanos para humanos. Não temos nenhum caso dessa transmissão. Tudo iniciou, provavelmente, não com aves silvestres, mas com aves de fundo de quintal, domésticas. Na Ásia, esse problema é cultural. As pessoas criam seus gansos, galinhas e patos convivendo com eles no dia-a-dia, a cada segundo, morando juntos. Eles são nômades, se deslocam junto com as aves. Foi aí que surgiu o problema de alguns humanos "pegarem a gripe", vindo a falecer. Claro que muitas aves também morreram. A gripe, então, vem pela Ásia Menor e Ásia Maior nesse modelo e, nesse mesmo modelo, ela alcançou a Europa.

O caso europeu

Na Europa, o vírus da gripe aviária, o H5N1, surgiu pela primeira vez em aves silvestres que foram encontradas mortas e que tinham o vírus. Só não se sabe a forma de contaminação. Eram aves silvestres de zonas muito agrestes ou de zonas com as quais as aves domésticas também compartilham. Não se sabe bem como isso chegou nelas. Temos apenas uma suspeita: provavelmente aves migratórias que convivem lá na Ásia Menor e na Ásia Maior em contato com essas aves nômades, de fundo de quintal, trouxeram, durante a migração, o vírus para a Europa. Muitas aves têm o vírus da gripe, inclusive aqui no Brasil, só que não é o H5N1, que é o mais letal de todos. Este vírus possui, na sua estrutura, uma seqüência de proteína, denominada de H, que permite a sua entrada nas células, com receptores de outra proteína, denominada N, que possibilita a sua liberação. No caso da gripe das aves, a seqüência é de 5H e um N. Portanto, daí vem o nome de H5N1. Na realidade, são mais de 16 formas de H e 9 de N. Nas aves silvestres, já foram registrados o H3, o H7, o H2, o H1, e elas não morreram por isso. É por essa razão que existe o temor das rotas das aves migratórias. Temos que parar um pouco com isso, pois as rotas migratórias fazem parte da homeostasia ambiental na Terra. Agora é a hora de aglutinar informações de pesquisa. Infelizmente, existe pouquíssima informação de pesquisa sobre isso. Pouca gente foi ao campo pegar informação. Sem ela, é difícil fazer qualquer plano de contenção ou de manejo.

IHU On-Line - Qual o caminho mais provável para a entrada da gripe aviária no Brasil? Há alguma previsão de data?

Martin Sander - Isso é difícil de dizer. Ninguém no mundo tem a idéia de qual o caminho. Nós suspeitamos que as aves vêm do norte para o sul, sendo a maior parte delas as de praia. Então, espera-se que a gripe aviária chegue ao Brasil em setembro, outubro, porque grandes bandos de aves migratórias do norte chegam ao Brasil nessa época. Ninguém, porém, tem essa certeza de marcar a data para setembro. Tudo depende se, naquele momento, a gripe já vai estar linear, e se ela contaminou esses plantéis de aves, esses grandes bandos. Daí ela pode vir transportada por essas aves. Nesse grupo de aves, há uma que é a *Calidris fuscicollis*. Agora no verão ela esteve aqui no Rio Grande do Sul, ainda está por aí. Ela foi à Patagônia e depois até a Antártica. Grandes bandos ficam no sul do Brasil e na Patagônia. Poucos vão para a Antártica. Se lá já existir a gripe aviária, esse grupo, que migra de norte a sul, no seu retorno, já pode estar trazendo a gripe, porque esse bandinho está voltando da Antártica, vai passar pela Patagônia, vai passar pelo Brasil, pelo México, vai entrar nos Estados Unidos e retornar para cá em setembro. Só que isso são apenas teorias. Para provar que um caminho desses é possível, temos que ir a campo e ver se essa gripe está instalada ou não, se o vírus está lá ou não. Ninguém tem essa resposta.

Outras possibilidades de transmissão

Outra coisa: qual é a ave transportadora, caso seja uma ave silvestre? E se for, por exemplo, um carcará, ou um ximango, que é residente, que dificilmente migra, que mora aqui no Rio Grande do Sul? E se ele estiver com H5N1? De quem ele conseguiu? Pode ser que foi quando se alimentou de uma ave que estava morrendo, como, por exemplo, um petrel gigante, que nasceu na Antártica, foi até a

Austrália, via sul da África, Índia, se contaminou pelas rotas norte-sul da Ásia, voltou para cá, chegou agonizante na praia, morreu na nossa costa, onde o carcará o comeu, contaminando-se. É outro caminho. Ninguém tem, nem na Europa, nem nos Estados Unidos, que são países altamente desenvolvidos, a idéia dos reais caminhos. O que eles fazem é o que nós estamos fazendo aqui nos Laboratórios de Ornitologia e de Ecossistemas Aquáticos da Unisinos: uma lista das espécies migrantes, que vêm de fora para cá, e que podem ser espécies transportadoras da gripe se, no lugar de origem, o vírus estiver instalado. Entretanto, ninguém tem caminhos assegurados.

A pior projeção

Mas o pior caminho não seria esse. O problema não é tanto pelas aves. Nós não temos contato direto com as aves migratórias. O maior problema é se a gripe se instalar em humanos. Se uma pessoa contaminada, transportando o vírus já vem mal para cá, seja da Alemanha, ou da África, do Japão, ou aqui da Argentina, e o vírus se instalar em alguém e começar a se mudar, se adaptar, teremos um agente altamente patogênico. Daí, sim, o problema poderá ser grande. Esse é o medo maior. Com certeza a gravidade aumenta com o passar dos anos, pois os agentes infectantes ou de transporte neste período também estarão em maior número.

***IHU On-Line* - Qual sua opinião sobre o manual de procedimentos para prevenir e/ou combater a doença no País?**

Martin Sander - Eu vi parte desse manual, que vem a cada dia sendo atualizado. O País tem algumas vantagens. Em primeiro lugar, na

avicultura, que é uma preocupação maior, somos muito avançados no Brasil. A criação é feita geralmente em confinamentos, em lugares apropriados, não é de fundo de quintal. Existe avicultura de fundo de quintal também, mas é em menor escala. Nossa avicultura não é migrante ou itinerante como o é em outros países. Isso tudo são vantagens. Outro aspecto é que o governo já tomou medidas para o transporte de aves pelas rodovias. Tudo depende de autorização e de laudos de sanidade animal. A equipe de veterinários de cada estado está capacitada para, quando fizer uma autorização, só permitir o transporte de aves do lugar de origem até o abate, ou até o porto, ou até outro local, analisando primeiro a saúde de ave por ave. No Brasil, o governo tem uma equipe do Ibama que faz coletas em várias localidades, especialmente em áreas de banhado, para ver a presença ou não desse vírus em aves silvestres. Até hoje, nas inúmeras coletas feitas, nada foi localizado. O País está bem preparado, também porque tem controle da importação de aves.

***IHU On-Line* - O que cada brasileiro pode fazer para contribuir com esse processo?**

Martin Sander - O que cada um pode fazer é ter a responsabilidade de comunicar aos órgãos de saúde ambiental, veterinários, às inspetorias regionais, casos de anormalidade com as aves. Os sintomas são: fraqueza da ave, aparência de moribunda, com secreção na região respiratória, acompanhado de diarreia ou não, ou até o aparecimento de algumas mortas. Nesses casos, é preciso comunicar a Secretaria Regional de Meio Ambiente e Saúde ou entidades de apoio aos produtores, que vai buscar estes animais e, em pouco tempo, dar o laudo

dos fatos. Quanto ao consumo da carne, foi feito o alerta para consumir produtos avícolas bem cozidos, porque o vírus, se presente, não suporta calor. É preciso cozinhar e fritar bem o frango, assar bem, não comer carne crua.

***IHU On-Line* - Está sendo realizada alguma espécie de controle do vírus?**

Martin Sander - O vírus não está aqui. Não há como fazer controle de algo que não existe. O controle em lugares onde já se detectou o vírus tem sido o abate das aves. Há lugares onde se abateram todos os gansos, todas as galinhas. Uma das formas é o isolamento pontual, fazendo o abate ou aplicação de vacinas.

***IHU On-Line* - Em que pé estão os prejuízos da avicultura comercial?**

Quais as previsões para os próximos meses?

Martin Sander - Essa é uma questão bem preocupante. Muitas pessoas pararam de consumir carnes e produtos da avicultura. Vimos que os preços despencaram no mercado e já houve desemprego em algumas áreas. Se continuar assim, os problemas com certeza serão maiores. Por isso é importante dar empenho total à pesquisa. Por exemplo, ir à Antártica e fazer coletas de amostras. Se nestas amostras nada for encontrado, já estaremos diante de uma nova certeza. Este tipo de informação pode auxiliar na planificação dos investimentos, na comercialização, além de dar tranquilidade ao sistema produtivo.

Liberdades e limitações do software livre

Entrevista com Cristiano Costa

De 19 a 22 de abril de 2006, Porto Alegre foi sede de um dos maiores eventos de software livre do mundo. O 7º Fórum Internacional Software Livre reuniu, no Centro de Eventos FIERGS, pessoas de 24 países. O evento bateu recorde de público, recebendo 5.339 pessoas, principalmente do Brasil, Uruguai, Estados Unidos, Canadá e Argentina.

Entre os participantes do evento estava o professor Cristiano André da Costa, do Instituto de Informática da Unisinos. Ele concedeu uma breve entrevista, por e-mail, à *IHU On-Line* sobre o Fórum e a discussão acerca da proposta do software livre. Na entrevista, Cristiano afirma que vê como um empecilho a forte conotação ideológica que o movimento do software livre alcançou no Brasil. Cristiano é mestre e doutorando em Ciência da Computação.

Sobre o tema, confira duas entrevistas com Richard Stallmann, o guru do software livre, publicadas nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, nos dias 20 e 24 de abril de 2006, e a edição número 136 da revista *IHU On-Line*, de 11 de abril de 2005. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU.

***IHU On-Line* - Qual a importância de um evento para discutir o software livre? O que motiva cinco mil pessoas a discutir a democratização da tecnologia?**

Cristiano da Costa - O Fórum Internacional de Software Livre (FISL) está na sétima edição. Já é o evento mais tradicional de software livre do Brasil e um dos maiores do mundo. Isso motiva a visita de pessoas dos mais diversos locais. O FISL é um dos poucos eventos que discute essa temática.

***IHU On-Line* - Quais os assuntos que mais repercutiram nos bastidores do 7º Fórum Internacional de Software Livre?**

Cristiano da Costa - Os assuntos que mais repercutiram foram novas tecnologias e ferramentas livres. Além disso, aplicações com sucesso de software livre em países em desenvolvimento e em projetos sociais.

***IHU On-Line* - Qual a sua visão dos *freaks* (excêntricos) da computação e o seu movimento?**

Cristiano da Costa - São pessoas apaixonadas pela área e em especial pelo movimento. Especialmente os *freaks* participantes do FISL defendem o software livre acima de tudo em qualquer área e para qualquer aplicação.

***IHU On-Line* - De qual workshop o senhor participou? O que destacaria da temática trabalhada que mais lhe impressionou?**

Cristiano da Costa - Participei do Workshop de Software Livre (WSL). O WSL é um evento científico, promovido pela Sociedade Brasileira de Computação (SBC), dentro do Fórum. É constituído de apresentação de trabalhos, previamente submetidos e avaliados por um comitê de programa. Os trabalhos são relacionados com a área de software livre. Ocorreram três trilhas dentro do WSL: internacional, nacional e de software livre na universidade. Essa última temática me interessou bastante. Alguns casos de sucesso de uso de software livre em universidades brasileiras foram apresentados. Especialmente para apoio ao ensino.

***IHU On-Line* - Como o senhor vê a proposta do software livre? Quais seus maiores problemas e vantagens?**

Cristiano da Costa - Vejo como uma proposta muito interessante. A maior vantagem está nas quatro liberdades propostas pelo software livre: a liberdade de executar os programas para qualquer propósito; a liberdade de modificar os programas e adaptá-los à necessidade de cada um; a liberdade de copiar e redistribuir; a liberdade de aperfeiçoar e liberar para outras pessoas a nova versão. Acho que o principal problema está no fato de, no Brasil, o software livre ter tomado uma conotação ideológica muito forte. Isso faz politicamente a proposta ser somente apoiada por partidos de esquerda como, por exemplo, o PT. Quando, na verdade, a proposta não tem nada a ver com isso. Software livre deveria ser usado independentemente de convicção partidária ou tendência

política. Existem situações em que é melhor utilizar software livre, outras em que o software proprietário é mais interessante. Esta é uma escolha tecnológica e financeira.

***IHU On-Line* - O senhor acredita que a proposta do software livre é possível em uma universidade privada como a Unisinos? O que faz grandes empresas como a Unisinos ainda usarem o software proprietário?**

Cristiano da Costa - Acho que é viável para alguns setores das universidades. A Unisinos não utiliza somente software proprietário. Por exemplo, ela utiliza software livre no seu servidor Web (de páginas da Internet) e no apoio ao desenvolvimento do conteúdo do site. Nos sistemas de gestão, os softwares proprietários, como o ERP da Peoplesoft, ainda são muito mais avançados. Não existe nenhuma tecnologia equivalente, ou seja, com as mesmas funcionalidades, em software livre.

***IHU On-Line* - O senhor concorda com Richard Stallmann quando ele diz que "o software proprietário é um perigo para todos e seus desenvolvedores têm poder para introduzir funções de vigilância"?**

Cristiano da Costa - Concordo em parte. Acho que as pessoas costumam tomar a afirmação ao pé da letra e imaginar que o software proprietário "controla" as ações dos usuários. Entretanto, concordo que, por não termos acesso ao código-fonte de um aplicativo, não conseguimos saber com certeza o que o software faz.

***IHU On-Line* - Como o software livre pode ajudar a reduzir a exclusão digital?**

Cristiano da Costa - O software livre pode ser utilizado para criarmos espaços

como laboratórios de informática a um custo menor. Isso porque não será necessária a aquisição de licenças de software proprietário. Entretanto, o investimento em infra-estrutura não é suficiente. É necessário um investimento

muito maior em capacitação e suporte técnico. Não adianta ter um laboratório com equipamentos e software livre, e não ter professores à disposição da comunidade e treinados nas ferramentas livres.

A refundação da Física pela Cosmologia

Entrevista com Mario Novello

Mário Novello é professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro, onde é coordenador do Laboratório de Cosmologia e Física Experimental de Altas Energias. É mestre e doutor em Física, pós-doutor pela University of Oxford (Inglaterra) e doutor honoris causa pela Universidade de Lyon (França).

É autor de mais de 150 artigos e de diversos livros, entre eles *Cosmos e Contexto*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989; *Os jogos da natureza*. Rio de Janeiro: Campus, 2004; *Máquina do tempo Um Olhar Científico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005; *O que é Cosmologia*, lançado recentemente pela Jorge Zahar. Este último livro é o tema da entrevista que segue, feita pela redação da *IHU On-Line*, por e-mail e foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU no dia 26 de abril de 2006.

IHU On-Line- que é Cosmologia?

Mario Novello - Nos últimos tempos, apareceram muitos livros, exibindo algumas das maravilhosas conquistas dos cosmólogos, envolvendo aspectos globais do universo. Entretanto, a quase totalidade destes livros não se preocupa em examinar os fundamentos da cosmologia, sua posição em relação às outras ciências e, em particular, sua relação com a Física. Desde o início da cosmologia moderna, com a aplicação por Einstein de sua teoria da gravitação ao universo, este papel da cosmologia tem sido deixado de lado, em

favor de uma visão simplista que diminui sua importância e impede que uma importante (talvez a mais fundamental) função da cosmologia apareça: a de refundação da Física. Meu objetivo neste livro consiste em exibir e enfatizar este seu aspecto, que para mim, consiste em sua verdadeira função.

IHU On-Line - Por que a obra tem como subtítulo "a revolução do pensamento cosmológico"?

Mario Novello - Isso se refere à mudança produzida pelo Programa Cosmológico de Einstein, o que ocorreu nas primeiras

décadas do século XX, e aos formidáveis avanços a partir dos anos 1980, que transtornaram completamente o cenário cosmológico anterior.

IHU On-Line - Quais as principais contribuições da obra para o futuro do conhecimento científico relativo do Universo?

Mario Novello - A caracterização de que é possível ir além da simplista visão do Big-Bang que, tanto grande parte da comunidade dos cientistas, quanto à quase totalidade da mídia internacional e nacional, divulgaram e espalharam como um verdadeiro programa ideológico, impedindo o acesso da ciência à análise do que teria dado origem àquela "explosão".

IHU On-Line - O que caracteriza a retomada do diálogo entre a cosmologia e a tradição humanista? Qual a importância desse diálogo?

Mario Novello - Todas as civilizações, em seu passado, produziram "mitos cosmogônicos de criação". A ciência, por meio da cosmologia, está produzindo o seu. Reconhecer que este é um modo de olhar o mundo, mas não o único, relativizando sua função na sociedade, faz parte de um diálogo que a ciência deixou de ter com outros saberes. Isso não foi bom, nem mesmo para a ciência que produziu, ou melhor, deixou prevalecer seu lado autoritário e arrogante. Creio que um diálogo continuado, permanente e tentando entender historicamente nossas verdades como espécie, certamente será útil para o crescimento de nós todos.

IHU On-Line - Quais as consequências de suas afirmações para as raízes do conhecimento científico, como a teoria da relatividade de Einstein e as teorias sobre a origem do Universo?

Mario Novello - A mais importante lição que devemos tirar da primeira tentativa de Einstein de empreender uma cosmologia é essa: a Física não esgota esta estrutura que chamamos universo. É preciso alguma coisa a mais. Ao examinarmos essa estrutura e esta totalidade, nos damos conta de que uma das idéias mais maravilhosas de uma união (ainda que fragmentada e incompleta) do mundo quântico com a cosmologia leva a um resultado inesperado: a inevitabilidade da existência de alguma coisa, deste (ou de outro) universo. Assim, ao mesmo tempo em que a cosmologia cria uma visão científica dos mecanismos possíveis de criação do Universo, ela está ousando tentar responder a questão fundamental: por que existe alguma coisa e não nada? Desse modo, retoma-se uma conversa que a ciência interrompeu com outros saberes, quando tomou a dianteira na organização do cenário mental com que devemos entender a natureza. Sua eficácia social, a produção de um sistema autoritário, com uma aparência impessoal, absoluta e retrógrada, colocando o homem fora da natureza, liquidando com as tentativas alternativas de outros saberes para entender a natureza, produziu um sistema que enfraquece o homem, tornando-o poderoso na fabricação de máquinas de guerra.

IHU On-Line - Quais as principais novidades da cosmologia contemporânea?

Mario Novello - A cosmologia moderna está produzindo uma tentativa de criar uma harmonia do mundo e uma comunhão de interesses, na elaboração de uma ciência da totalidade, na qual o homem aparece como o seu ponto central. E isso está além da geografia.

Confira outras entrevistas no sítio www.unisinos.br/ihu.

Entrevistado	Publicada em:	Título
<i>César Sanson</i>	<i>25 de abril</i>	Os bastidores e as entrelinhas do lançamento do Manifesto das Américas
<i>Joanildo Burity e Maria das Dores Campos Machado</i>	<i>27 de abril</i>	Os votos de Deus: as relações entre religião e política
<i>Martin Sander</i>	<i>28 de abril</i>	Um panorama da gripe aviária

Memória

Instituto Anchietano de Pesquisas - O cinquentenário de um sonho

Por Martin Sander

No sábado, dia 22 de abril, o Instituto Anchietano de Pesquisa, localizado em São Leopoldo, RS, celebrou 50 anos de existência. Recebemos e publicamos, abaixo, o artigo do Prof. Martin Sander. Ele é professor na Unisinos e curador dos Acervos e Coleções da Unisinos. Ele é conhecido também na comunidade acadêmica e já foi citado nesta página, recentemente, pelas expedições na Antártica.

Eis a íntegra do artigo:

"Dia 22 de abril de 1956. Eu era, então, um jovem jesuíta, que morava e lecionava no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, ao mesmotempo que estudava História e Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Lembro-me da tarde em que uns poucos jesuítas maduros, agrupados numa das salas de reunião do estabelecimento, me chamaram para secretariar a sessão de fundação do que seria o Instituto Anchietano de Pesquisas. Escrevi a ata e, como todos os que a subscreveram, fui declarado sócio fundador da nova entidade. Nos cinquenta anos que passaram desde então, sempre estive muito envolvido na sua história..." (Pe. Pedro Ignacio Schmitz.)

"Era domingo em Porto Alegre, na Rua Duque de Caxias, 1247, onde se situava o principal colégio jesuítico do Sul do Brasil, o Anchieta, onde um grupo de padres jesuítas realizou um velho sonho: criar uma entidade científica (...), a qual demos o nome de Instituto Anchietano de Pesquisas", conforme escrito, em 1956, na apresentação do primeiro volume da revista *Pesquisas*,

marca registrada nacionalmente e internacionalmente do Instituto. Foi criado e estabelecido como uma fundação exclusivamente jesuítica, mas não se caracterizando como uma entidade fechada. (RABUSKE, 1976). Seus sócios efetivos deviam pertencer à Ordem, mas seus colaboradores, benfeitores, sócios honorários ou integrantes pesquisadores poderiam ser leigos. A participação no Instituto exigia merecimento, valores reais da pessoa e trabalhos já realizados, portanto não bastava somente a defesa de uma tese e nem era o sistema automatizado (Ata da Primeira Assembléia, 22-04-1956).

Um movimento pioneiro difuso

Os principais objetivos eram desenvolver a pesquisa científica do Brasil, manter coleções e acervos científicos, formar e abrigar uma biblioteca especializada, promover e desenvolver a ciência e a cultura. O Instituto surgiu em momento de crise, as escolas secundárias não dispunham de condições para apoiar a pesquisa e as universidades, limitadas aos currículos, ainda não tinham programas

de continuidade científica. Segundo o Pe. Ignacio, atual diretor do Instituto, "tratava-se de um movimento pioneiro difuso, que antecedeu a instalação da pesquisa e da pós-graduação nas universidades brasileiras; este se deu a partir do final da década de 1960 e, de forma mais acentuada, nas décadas de 1970 e 1980".

O início da caminhada que se transformou em jornada

Os fundadores foram os padres jesuítas: Provincial Jorge Steiger, Luis Gonzaga Jaeger, Balduino Rambo, Inácio Valle, Pio Buck, Ernesto Maurmann, Aloysio Sehnem, Arnaldo Bruxel, Arthur Bohnen, José Hauser, Eugenio Santini, Pio Buck, Antonio Loebmann, Bertholdo Braun, Alfredo Rohr e os jovens Germano Junges e Pedro Ignacio Schmitz, conforme a Ata da Primeira Assembléia Geral do IAP. O Pe. Luis Gonzaga Jaeger ficou com o cargo de diretor e, com o Conselho Deliberativo e apoio do secretário, o jovem jesuíta Pedro Ignacio Schmitz, iniciaram a caminhada que se transformou em uma jornada. Segundo relatos e testemunhos documentais, a desenvolvimento do Instituto, não foi tão fácil assim. Eram poucos os recursos e, em 1961, morreu o idealizador e principal patrocinador do Instituto, o Pe. Rambo.

As perdas e as dificuldades

Na realidade, o IAP não nasceu do nada, ou somente de sonhos prospectados de uma sólida visão do futuro. Desde o início, na sua base ou bagagem, já contavam com toda produção literária e científica dos seus fundadores e sócios efetivos, além das coleções e acervos existentes e anteriores ao Instituto como, por exemplo, o Herbário Anchieta, fundado em 1931 pelo Pe. Rambo. Em 1963, morreu o Pe. Jaeger e, assim, os mais

antigos foram desaparecendo. O Instituto foi transferido para a periferia da cidade de Porto Alegre, acompanhando a construção do atual Colégio Anchieta. Além dos fatos mencionados, adicione-se aí a mudança de orientação geral da Igreja Católica, na década de 1960. Os jovens que deveriam dar continuidade ao trabalho dos pioneiros abandonam a Companhia de Jesus, e os demais se dedicam mais ao ensino de jovens do colégio e seminários.

Novas contribuições

Mesmo assim, o Instituto continua integrando, desenvolvendo pesquisas e cultura. Muitos pesquisadores participavam nominalmente no Instituto, mas desenvolviam suas atividades em outras localidades da Companhia de Jesus no Brasil Meridional, como por exemplo: Florianópolis, Diamantino no Mato Grosso e Faculdade de Filosofia e Teologia de Cristo Rei em São Leopoldo. Novos padres, com funções no ensino e pesquisa, foram incorporados: Milton Valente, Arthur José Rabuske, Herbert Wetzel, Evaldo Heckler, Guido Wenzel, Josafá Carlos de Siqueira, além de outros. Inclusive, em 1963, o Instituto passa a contar com o apoio de membros não jesuítas, entre eles a pesquisadora Ítala Irene Basile Becker, DANI (1988).

O Instituto, segundo o Pe Ignacio, "... era planejado para se tornar um centro de pesquisa multidisciplinar, semelhante aos grandes centros científicos então conhecidos na América Latina". Para tal, os jovens jesuítas eram estimulados em sua formação para que cobrissem a maior parte dos diversos setores do conhecimento.

A mais nova universidade jesuíta das "terras austrais"

O espaço em Porto Alegre ficou pequeno, as atividades na Faculdade Cristo Rei em São Leopoldo, aumentavam e nascia, em alguns membros da Companhia, a vontade de criar uma universidade jesuíta, a Unisinos. Portanto, era necessária a presença de doutores, além de levar o Instituto para São Leopoldo, ofertando a base científica e cultural da mais nova universidade jesuíta das "terras austrais". Com o crescimento da Universidade, as pesquisas de muitos sócios efetivos do Instituto passaram a ser desenvolvidas na Unisinos. Entre ambas as instituições, existe um convênio firmado, desde 1969, mas fixado por escrito somente em 1981. Nele ficou estabelecido que a Unisinos deveria oferecer a infra-estrutura material, além de manter os funcionários para os serviços de apoio. De modo mutual, ambas as instituições oferecem uma à outra acesso às fontes de pesquisa e vagas para estagiários e pesquisadores.

50 anos de ensino e pesquisa em mais de 60 projetos

Nos anos 1980, o Instituto muda-se para o espaço atual, nas dependências da antiga sede da Unisinos, na Praça Tiradentes, 35, em São Leopoldo. Ali, encontra mais espaço e recebe novos acervos: a Biblioteca da Província Brasil Meridional, formada pelos livros de várias escolas e seminários que encerraram suas atividades; os acervos do Pe. Bruxel e documental dos estudos e pesquisas do Pe. João Alfredo Rohr, oriundos de Santa Catarina. Neste mesmo período, é estabelecido o Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul, e a Unisinos cria o Mestrado de História, naturalmente com apoio e base do Instituto.

O IAP sempre atuou nas duas áreas

acadêmicas clássicas: o ensino e a pesquisa. Também atua na extensão, mas como uma das conseqüências da pesquisa. Inclusive para a biologia, na graduação e pós-graduação, o IAP está presente, em especial por meio do Herbário Anchietano, e no segmento de zoologia ou bioarqueologia. Nestes cinquenta anos, foram mais de 60 projetos de pesquisa, com apoio do CNPq, da FAPERGS, da SEC, da Unisinos e outras universidades ou institutos similares nacionais e internacionais. Muitos pesquisadores, estudantes e colaboradores participaram de projetos. É neste local que encontramos o exemplo de atividades integradas e transdisciplinares.

A experiência de compartilhar temas e descobertas

Também no meu tempo de estudante de Biologia, passei bons momentos no Instituto, buscando literatura e levando ao Pe. Sehnem plantas que serviam de alimento às aves. Pe. Sehnem, com muita calma e apoio de sua pequena e potente lupa de mão, examinava uma a uma, dando, de pronto, o nome e outros dados bioecológicos. Aí também conheci o Professor Pe. Ignacio, fundador e atual diretor do Instituto. Sempre atento e carinhoso com todos aqueles que buscam informações. Ainda hoje é no IAP que encontro referências bibliográficas históricas, textos de leitura dos mais diversos assuntos e pessoas para compartilhar temas e descobertas.

A qualificação do ensino e da pesquisa

O principal referencial teórico do IAP é sua revista, denominada *Pesquisas*. No passado, um anuário. Hoje, devido à diversificação dos estudos e envolvimento de mais pesquisadores, a revista foi dividida em setores: Botânica;

Zoologia, História e Antropologia. Ainda encontramos no Instituto as publicações avulsas e a série *Documentos*.

Hoje o Instituto tem vários acervos: o Museu Arqueológico e Etnográfico; O Museu Capela; O Museu Histórico do Herbarium Anchieta; a Sala Dr. João Dutra; várias bibliotecas e coleções científicas. Recentemente, o Herbário Prof. A. Sehnem, da Unisinos, com cerca de 20 mil plantas, foi incorporado ao Herbário Anchieta, ampliando a coleção de plantas para mais de 140 mil exemplares. O uso destes acervos, em especial pelos alunos da Unisinos, é cada vez mais intenso e, sem dúvida, qualifica o nosso ensino e a pesquisa.

Inovando e mantendo a vida do Instituto

Este comprometimento entre o IAP com a Unisinos a cada dia mais intenso, provoca um sistema mutual de gestão e uso. Provavelmente é o melhor modelo

para a continuidade das pesquisas e estudos especializados de ambas as instituições. A base e a história preservada no IAP, e a Unisinos, pelo ensino e, em especial, a pesquisa e a pós-graduação, inovam e mantêm a vida do Instituto. Quem sabe também desta integração, surgirá o museu universitário da Unisinos, movimento original com identidade própria, necessário para dialogar com a comunidade o nosso conhecimento revelado pela pesquisa, provocando mudança de valores.

Com certeza, chegar ao cinquentenário foi uma dura e competente jornada provocada no jovem jesuíta Pedro Ignacio Schmitz que, em 1956, na tarde de domingo, foi chamado para lavar a primeira ata. De lá para cá, muitas transformações, muitos títulos, prêmios e reconhecimentos, mas a simplicidade, o carinho e dedicação com as pessoas e o trabalho foram constante ao Pe. Ignacio, transformando o sonho dos pioneiros em realidade.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias*, apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

Crise da política faz ressurgir o fenômeno do anarquismo

Um sentimento generalizado de frustração com a política e os políticos tem despertado novamente o interesse dos estudantes pelo anarquismo. Essa é a opinião do cientista político e filósofo Francisco Foot Hardman, professor do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e autor do livro *Nem Pátria Nem Patrão*. Para mais detalhes veja notícias do dia 25/04/2006.

As notícias do dia desta semana informaram, amplamente, a América do Sul, a política brasileira interna e as reações à entrevista do cardeal Martini.

- **América do Sul se move**

Eis os títulos:

- **Evo Morales qualifica a EBX, empresa brasileira de Eike Batista, como uma "empresa fora-da-lei"** – notícias do dia de 25/04/2006.

- **Lula, Kirchner e Chávez negociam o supergasoduto** – sobre o tema as notícias diárias publicaram dois artigos e outras informações nos dias 27-28/04/2006. Destaque-se a oposição da Bolívia que classifica o projeto de “maluco” – notícias do dia 27/04/2006.

Sobre este tema vale conferir a entrevista de Darc Costa publicada nas notícias do dia 30/03/2006 e também a entrevista de Gilberto Dupas publicada na edição 170ª da revista *IHU On-Line*, dia 6/03/2006.

- **Chávez sai da Comunidade Andina, movimentou a semana na América Latina.** O presidente colombiano pede a intermediação do Brasil. Enquanto isso **Chávez oferece óleo diesel grátis ao Haiti** e reforça o Mercosul e a ALBA, assinando o Tratado de Comércio dos Povos com Cuba e Bolívia. Para maiores informações veja as notícias do dia de 25/04/2006.

BNDES financia 20 projetos de integração sul-americana foi notícia no dia 28/04/2006.

- **Hugo Chávez. Um dilema para Lula e Kirchner.** Este foi o tema de uma reportagem do jornal argentino *Clarín* no dia 28/04/2006. Veja notícias do dia 28/04/2006. O apoio de Chávez ao programa nuclear iraniano é uma das preocupações dos dois presidentes.

- O conflito entre o Uruguai e a Argentina por causa da construção de duas fábricas de papel às margens do Rio Uruguai, na fronteira Argentina, foi um dos temas tratados nesta semana nas notícias diárias nos dias 25-28/04/2006 e 2/05/2006 . Lula tenta conciliar e fala com a presidenta da Finlândia já que uma das empresas é daquele país. Lula tenta convencer a Kirchner para que não leve o caso ao Tribunal de Haia. Não consegue. Kirchner sai contente da reunião com Lula. Kirchner convoca uma grande manifestação, no dia 4/05/2006, contra as fábricas no Uruguai. No sábado, dia 30 de abril, o Uruguai desloca tropas militares para a fronteira com a Argentina.

O Uruguai sente-se cada vez mais fora do Mercosul e acena com um tratado bilateral com os EUA.

E o 10. de maio é o dia em que **Evo Morales anuncia a nacionalização do hidrocarbonetos.** Ver notícias do dia do dia 2/05/2006.

Uma entrevista com Jorge Castañeda complementa a edição da revista *IHU On-Line* no. 176 com o tema de capa *América Latina. Um giro à esquerda ?*

- **Na política brasileira**

-A candidatura do PSDB, Geraldo Alckmin, não decola. Eis os títulos das notícias do dia da semana passada:

- **"Um velório completo no PSDB", afirma analista político;**

- **Alckmin pode ser trocado por Serra, diz Lula;**

- **PFL desembarca da candidatura Alckmin:**

- **PFL fala no fim da aliança com PSDB.**

Enquanto isso, o pré-candidato do PMDB, Anthony Garotinho é bombardeado por uma série de denúncias que favorecem setores do partido que não querem uma candidatura própria mas preferem apoiar Lula. **Rosinha pagou R\$ 112 milhões a doadores de Garotinho** é o título do dia 27/04/2006.

Por sua vez, Alain Touraine, sociólogo francês, em entrevista concedida ao jornalista Merval Pereira, estranhando que José Serra não tenha sido escolhido candidato a presidente pelo PSDB, afirma que Lula se reelege. A mesma opinião expressa Carlos Augusto Montenegro, do Ibope. Ele dá como certa a reeleição de Lula. Confira as notícias do dia 25/04/2006.

13º Encontro Nacional do PT- As notícias do dia da semana passada também destacaram o 13º Encontro Nacional do PT. A carta de Tarso Genro, insistindo na refundação do PT, a mobilização dos movimentos sociais e da CUT na reeleição de

Lula e o consenso obtido, apesar da reação dos petistas gaúchos, quanto à formação das alianças foi outro tema das notícias dos dias 28/04/2006.

Um outro título noticiou que **César Benjamin é vice de Heloisa Helena**. Notícias do dia 25/04/2006.

O dia 10. de maio foi a ocasião para avaliar as políticas para o trabalho do governo Lula : crescimento do emprego e da rotatividade e queda na renda parecem sintetizar a política trabalhista. O governo teve o mérito de não levar à frente a reforma trabalhista do governo FHC. As *notícias diárias* di sítio do IHU juntamente com a revista **IHU On-Line** no. 177, com o tema de capa *As mudanças depois de 120 anos do 10 de Maio*, especialmente as entrevistas de José Dari Krein e Marcio Pochmann contribuem para a análise da política trabalhista e sindical do governo Lula.

- **A Igreja e os preservativos**

A entrevista do cardeal Carlo Maria Martini à revista italiana *L'espresso*, no dia 21-4-06, continua repercutindo intensamente em vários países, especialmente no Vaticano. As notícias do dia 29/04/2006, publicaram na íntegra a tradução da longa e importante entrevista. Um internauta, professor na Unisinos comenta: “muito interessante o diálogo com o cardeal Martini publicado no sábado nas notícias diárias. Como ele é claro! Aí não estaria um jeito de transcrever os valores cristãos na hiper-modernidade? Não parece que por aí haveria algumas possibilidades?”

Vaticano parece que vai mudar, levemente, a posição sobre o uso do preservativo, título da notícia do dia 26/04/2006 parece ser uma das reações à entrevista do cardeal.

Para mais reações à entrevista confira as notícias diárias do dia 29/04/2006.

- **Concluindo, chama a atenção o seguinte título:**

A CIA seqüestrou suspeitos na Europa para torturá-los em vários países árabes.

Para maiores informações veja as *Notícias Diárias* do dia 27/04/2007.

Frases da semana

Superávit primário

“A meta de 4,25% é cláusula pétrea.” - Paulo Bernardo, ministro do Planejamento - *Estado de S. Paulo*, 30-4-06.

“No próximo mandato presidencial, haverá déficit zero. Para isso, vamos manter o superávit de 4,25%.” - Paulo Bernardo, ministro do

Planejamento, comentando a proposta de déficit zero de Delfim Netto - *Estado de S. Paulo*, 30-4-06.

Lula e as Casas Bahia

”Embora não seja presidente das Casas Bahia, seja presidente do Brasil, a minha concepção de tratamento deste país é a concepção que o senhor teve de estabelecer a sua parceria com a parte pobre da população.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 29-4-06.

”O senhor (Samuel Klein, presidente das Casas Bahia) fez, teve resultado e disse agora há pouco para mim: ”Eu gostaria que o Brasil fosse que nem as Casas Bahia, todo mundo feliz”. O senhor fez isso porque acreditou na parte pobre da população.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 29-4-06.

Ô, ô Bornhausen...

”O PFL e o PSDB estão dando uma pequena lição à esquerda de como fazer oposição.”- Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 29-4-06.

”A prioridade é derrubar o Lula, que é um governo incompleto e corrupto” - Jorge Bornhausen, presidente do PFL - *Portal Terra*, 26-4-06.

”Ô, ô Bornhausen, eu estou aqui, a nossa raça tu vai (sic) ter que engolir” - refrão cantado no Encontro Nacional do PT - *Estado de S. Paulo*, 29-4-06.

Venezuela e Irã

”Não tenho nenhuma razão para duvidar da palavra das autoridades iranianas sobre seu programa nuclear pacífico. Querem atacar o país como fizeram com o Iraque e o Afeganistão.” - Hugo Chávez, presidente da Venezuela - *Agência Carta Maior*, 26-4-06.

Chávez e as eleições no Peru

”Não seja sem-vergonha, o senhor pede aos peruanos e aos colombianos que não negociem com os EUA e 80% do comércio exterior de seu país é com os EUA, senhor Chávez. ” - Alan García, candidato à presidência do Peru - *Estado de S. Paulo*, 28-4-06.

”Vou antecipar que, se por obra do demônio, García chegar à presidência do Peru, vou retirar meu embaixador, porque não vamos ter relações com um presidente canalha e ladrão.” - Hugo Chávez, presidente da Venezuela, referindo-se a Alan García, candidato a Presidente do Peru - *Estado de S. Paulo*, 29-4-06.

Dalai-Lama no Brasil

”Não dá para pegar um pouco daqui e um pouco dali e jogar tudo no liquidificador. É um erro. Você pode pegar o melhor de cada fé, mas deve seguir uma tradição autêntica.” - Dalai Lama, ao falar de que pretendem criar um ”novo budismo” - *Estado de S. Paulo*, 27-4-06.

“Em geral, na minha visão, o aborto é um assassinato, deve ser evitado. No entanto, pode ser praticado em situações particulares, como quando há risco à vida da mulher. Porém, se for feito por luxo ou por conveniência, acho que sim [a mulher deve ir para a cadeia].” - Dalai-Lama - *Folha de S. Paulo*, 30-4-06.

Hippie e chique

“Só a gente é assim, hippie e chique; um pouco Daslu, um pouco Woodstock.”- Ana Carolina Vieira Lustosa, publicitária paulistana descrevendo a platéia que assistiu a conferência do Dalai Lama em São Paulo - *Folha de S. Paulo*, 28-4-06.

Viagra e a privatização do sexo

“Minha intuição é que os homens usam Viagra principalmente para demonstrar que ainda conseguem ter uma ereção. Eles querem, principalmente, ter a certeza de que conseguem isso, mas poucos se perguntam se a parceira também quer.” - John Gagnon, sociólogo americano - *Folha de S. Paulo*, 30-4-06.

“Acho que drogas como essas podem reforçar uma espécie de privatização do sexo, já que o indivíduo passa a ser mais importante do que a relação social entre duas pessoas.” - John Gagnon, sociólogo americano - *Folha de S. Paulo*, 30-4-06.

A terra é gaia

“A mesma lógica que explora as pessoas, as classes, aos países, explora também a natureza.”- Leonardo Boff, teólogo - *El País*, 29-4-06.

“É preciso convencer-se que a Terra é *Gaia*, isto é, tem um comportamento típico dos seres vivos. Somos mais que filhos e filhas da Terra (*homo* vem de *humus*, terra fértil, ou *adam*, que vem de *adamah*, terra fecunda). Nossa singularidade é a de ser aqueles que cuidam da Terra, os jardineiros no Éden terreno, e não o Satã da Terra.” - Leonardo Boff, teólogo - *El País*, 29-4-06.

Sonhos

”Não se faz um país sem sonhos. Não se faz um grande país sem grandes sonhos.” - Clóvis Rossi, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 28-4-06.

IHU em revista

Eventos	pg. 61
IHU Repórter	pg. 70
Carta do Leitor	pg. 70

Eventos

Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas

A segunda atividade do evento **Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas** acontecerá nesta quarta-feira, 3 de maio, das 19h45min às 22h15min, na Sala IG119 do IHU. Trata-se da exibição do filme *A terceira margem do rio*, do cineasta brasileiro Nelson Pereira dos Santos. Após a apresentação, o Prof. Dr. João Guilherme Barone, da PUCRS, irá conduzir um debate com o público. As inscrições continuam abertas no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Por e-mail, Barone disse à *IHU On-Line* que o filme “narra a história de um homem que abandona a mulher e os filhos e tudo mais, para viver isolado numa canoa, no meio de um rio. Ele nunca mais volta, nunca mais deixa o rio e nunca mais é visto por ninguém. A esposa cria sozinha os filhos, mas mantém-se sempre observando o rio, na esperança de que um dia o marido possa regressar.” Em sua análise, característica que distingue essa produção “é a experimentação de mesclar as cinco histórias de Guimarães Rosa, ao invés de adaptar cada uma isoladamente”.

Barone é graduado em Jornalismo pela Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, e em Jornalismo Gráfico, Radiofônico, Cinematográfico e Televisivo pela PUCRS. cursou mestrado em Comunicação e Indústrias Audiovisuais no Espaço Ibero-Americano na Universidade Internacional da Andaluzia, Espanha e doutorou-se em Comunicação Social pela PUCRS. Atuou como roteirista e diretor das produções Cone Sul, *Inverno no Trópico*, diversos episódios das séries *Mundo Grande do Sul*, *Na Trilha dos Farrapos*, *A ferro e Fogo* e *Histórias Extraordinárias*. Leciona Cinema na PUCRS, desde 1985, onde implantou e coordenou as Oficinas de Realização Cinematográfica. É secretário geral do Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (FORCINE), além de membro do Conselho Executivo da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema (SOCINE).

Um filme para refletir a condição humana do brasileiro

Entrevista com João Guilherme Barone

IHU On-Line - Nelson Pereira dos Santos parte do título do conto de Guimarães Rosa para batizar seu filme. Em linhas gerais, qual é o enredo da produção?

João Guilherme Barone - Na verdade, Nelson Pereira dos Santos usou o título de um dos contos, mas o roteiro do filme mistura outros quatro contos de Guimarães Rosa: *A menina de lá*, *Os irmãos Dagobé*, *Seqüência* e *Fatalidade*. Ele selecionou estes, entre os 21 contos publicados no livro *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa. É importante observar que Nelson tinha a intenção de filmar estes contos já desde a década de 1950, quando filmou *Rio quarenta graus*, seu primeiro longa. Glauber Rocha era um dos que mais o estimulava a fazer logo este filme. O enredo de *A terceira margem do rio*, entretanto, é um projeto bastante ousado, na medida em que Nelson Pereira dos Santos optou por fazer um cruzamento ou uma mistura das cinco histórias, utilizando a *Terceira margem*, como base para inserir as outras.

Inicialmente, o filme narra a história de um homem que abandona a mulher e os filhos e tudo mais, para viver isolado numa canoa, no meio de um rio. Ele nunca mais volta, nunca mais deixa o rio e nunca mais é visto por ninguém. A esposa cria sozinha os filhos, mas mantém-se sempre observando o rio, na esperança de que um dia o marido possa regressar. Esta é a base para a fusão dos outros quatro contos, além do casamento da filha que vai morar em Brasília e da permanência do filho do casal que vive com a mãe, e todos os

dias leva um prato de comida para o pai na beira do rio. Com base nessas trajetórias vão se incorporando os outros personagens, como a menina santa Nhinhinha que acaba sendo explorada pelos irmãos Dagobé e assim, histórias e personagens vão interagindo entre situações rurais e urbanas que são um retrato do Brasil contemporâneo.

IHU On-Line - Quais seriam as principais características da adaptação do livro de Guimarães Rosa para essa produção cinematográfica?

João Guilherme Barone - Creio que a principal característica é a experimentação de mesclar as cinco histórias de Guimarães Rosa, ao invés de adaptar cada uma isoladamente. Nelson trabalhou muitos anos neste roteiro, criando uma estrutura narrativa em que os personagens de uma história entram em outra e assim sucessivamente, resultando numa dramaturgia cinematográfica bastante densa e complexa.

IHU On-Line - O jornalista Alexandre Werneck, do JB On-line, disse que "adaptar Guimarães Rosa para o cinema é tão difícil quanto adaptar a lista telefônica". Qual é o mérito dessa obra cinematográfica?

João Guilherme Barone - Adaptar literatura para o cinema é sempre uma tarefa difícil. São narrativas diferentes, para suportes diferentes e para experiências de recepção diferentes. Como obra cinematográfica, *A Terceira margem do rio* não é um filme

considerado pela crítica como o melhor de Nelson Pereira dos Santos. Não tem a mesma relevância de *Rio quarenta graus*, *Vidas secas* ou de *Memórias do cárcere*. A crítica reconhece, entretanto, ser um filme ousado e corajoso, talvez pelo mérito das soluções encontradas para fundir as cinco histórias no roteiro. Entretanto, não há referências muito exaltadoras ou elogiosas quanto ao resultado estético do filme.

***IHU On-Line* - Esse mesmo jornalista afirmou que, com diversas "desobediências" do cineasta ao livro de Guimarães, ele segue seu caminho cheio de pedras. Concorda com isso? Por quê?**

João Guilherme Barone - Concordo na medida em que Nelson optou por desobedecer à versão literária pronta e criou uma nova narrativa concebida para o filme, bastante ousada e não menos complexa do que é a literatura de Guimarães Rosa. Provavelmente a referência ao "caminho cheio de pedras" esteja relacionada ao resultado do filme, como já disse, visto pela crítica como algo que passa longe do brilhantismo do diretor de *Memórias do cárcere*. Por outro lado, pode ser também uma referência ao processo conturbado de produção do filme que começou em 1989 e só foi concluído em 1994. Este filme foi, inclusive, uma das vítimas da extinção da Embrafilme e do confisco dos ativos financeiros, promovidos pelo presidente Collor, em 1990. Nelson enfrentou todo o tipo de dificuldades para a sua realização, mesmo sendo um nome consagrado do cinema brasileiro.

***IHU On-Line* - Qual é a importância desse filme na obra do cineasta?**

João Guilherme Barone - Não é efetivamente o melhor filme de Nelson, embora tenha cumprido um papel importante no processo de reaproximar o público do cinema brasileiro, num

momento em que a produção estava quase paralisada e a exibição absolutamente dominada pelo cinema norte-americano. O filme foi lançado em 1994, num momento em que começava a se desenhar o que seria a retomada do cinema brasileiro. Não foi aplaudido pela crítica e muito menos pelo público. Foi selecionado para o Festival de Berlim e convidado para diversos outros festivais internacionais, teve repercussões positivas e negativas. Entretanto, não brilhou como outros filmes de Nelson.

***IHU On-Line* - Que reflexões o filme suscita para a pós-modernidade no que diz respeito à subjetividade do indivíduo?**

João Guilherme Barone - Não creio que seja um filme adequado para uma análise pós-moderna. O filme é totalmente impregnado pelo olhar roseano de um país cheio de contrastes e desigualdades, confrontando o rural e o urbano, somado pelo olhar de Nelson, militante comunista histórico e profundamente preocupado em retratar esse Brasil desigual. Assim, a subjetividade do indivíduo está imersa num universo emoldurado por elementos do realismo mágico, com personagens que se ambientam numa espécie de releitura de *Vidas Secas* e *Rio quarenta graus*.

***IHU On-Line* - Num prisma existencialista, qual é o papel do filme na "travessia" do leitor a uma terceira margem?**

João Guilherme Barone - Não estou convencido de que no filme, a metáfora da busca de uma terceira margem seja tão eficiente como no conto original. Mas eu destacaria que o filme propõe um tempo de reflexão sobre a condição humana do brasileiro, entregue à sua própria sorte, na medida em que o Estado não funciona, pela corrupção e ineficiência, e a sociedade se deteriora

pela tensão do abandono e do isolamento.

IHU On-Line - De que forma o cineasta trabalha as polaridades presentes na obra?

João Guilherme Barone - Creio que a polaridade é bem clara no filme. Como bom marxista, Nelson soube trabalhar

dialeticamente o confronto entre o campo e a cidade, o rural e o urbano. Da mesma forma, o sagrado e o profano, o rico e o pobre, o dominador e o dominado. O filme está totalmente construído com base nas polarizações em que habitam e vivenciam os personagens.

IHU Idéias

O homem solteiro, que mora sozinho, procura...

Entrevista com Vanice Domingues

O IHU Idéias desta quinta-feira, 4 de maio, traz como tema o Trabalho de Conclusão de Curso de Publicidade e Propaganda da Unisinos, de Vanice Domingues. Intitulado *O homem solteiro, que mora sozinho, procura... Uma visão do seu cotidiano e de suas práticas de consumo*, o trabalho foi aprovado com distinção, nota 10.

Em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, adiantando alguns dos aspectos do evento, a publicitária disse que “os estereótipos que caracterizavam o homem até meados da década de 80, abriram passagem a um novo comportamento. Os homens estão assumindo novos papéis e se posicionando melhor diante das diversas situações, como, por exemplo, morar sozinho e cuidar dos filhos. Acredito que a grande influenciadora de toda esta “metamorfose social” tenha sido a mulher e a mudança na concepção da família”. Em função disso, o mercado tem em mira um alvo segmentado, composto por um “novo homem”, preocupado com sua aparência, que pensa em ter a pele bem-cuidada, corpo perfeito, peso adequado e que admite fazer cirurgia plástica somente por estética.

IHU On-Line - Qual foi sua motivação para a pesquisa que apresentou no TCC e de que forma a desenvolveu?

Vanice Domingues - Hábitos de consumo é um assunto interdisciplinar que envolve inter-relações não somente na área de comportamento consumidor, como também de psicologia, de

sociologia, de marketing e de antropologia. Influências da cultura, da família, de valores pessoais e de mídia são relevantes para buscar o entendimento das preferências de compra, porém insuficientes para entender suas razões. Influências vindas de todos os lados atravessam o indivíduo, compondo seu cenário de consumo.

A opção por buscar informações acerca do comportamento de compra do homem solteiro que mora sozinho torna o tema demasiadamente amplo. Com isso, observou-se a necessidade de focalizar em um determinado segmento, como a aquisição de bens de conveniência - produtos que não precisam de uma decisão de compra muito elaborada e que o consumidor geralmente compra com frequência, de imediato e com o mínimo esforço (exemplo: jornal, pão, fósforos). Isso restringe a pesquisa de campo à aquisição em supermercados, pois praticamente todos os consumidores urbanos frequentam esse tipo de loja pela ampla gama de produtos oferecidos e também por ser considerado outro campo de domínio feminino.

A análise das diversidades e peculiaridades desse consumidor, a observação das diferenças de atitude nos níveis socioeconômicos, as atitudes e comportamentos, crenças e necessidades, permitiram traçar um panorama de quem é o consumidor solteiro contemporâneo, como ele pensa e o que ele espera de produtos e serviços de bens de conveniência. As informações foram coletadas pela pesquisa O homem solteiro e seus hábitos de consumo, nome do roteiro de pesquisa utilizado neste estudo.

IHU On-Line - Em linhas gerais, o que o homem solteiro que mora sozinho procura?

Vanice Domingues - O título *Homem solteiro, que mora sozinho, procura...* faz uma referência bem humorada no sentido de visualizarmos este personagem em suas compras. A intenção no desenvolvimento deste estudo foi, inicialmente, buscar evidências do comportamento de compra em supermercados, as bases de escolha e os critérios de avaliação. Contudo, as informações obtidas nas entrevistas, considerando as particularidades e diversidades de cada entrevistado, mostraram um panorama do comportamento deste público.

Em relação ao que “procura”, atualmente o homem solteiro tem quase todas as suas necessidades realizadas “na rua”, ou seja, fora de casa. Tanto para alimentação quanto para, lazer, trabalho ou amor, dando vazão ao seu instinto de caçador. Este fator faz dele um consumidor potencial desde um “mercadinho de esquina” até uma agência de turismo.

IHU On-Line - Como se dá a sua atuação, sem a influência diária da família ou afins?

Vanice Domingues - No homem solteiro, as características de identificação e consumo são marcantes, sem a presença direta de familiares, esposa ou namorada, as instituições ou objetos passam a se transformar em substitutos culturais. Esta busca por afirmação ou identificação vai se consolidar no local de trabalho, com suas casas, animais de estimação, automóveis, clubes e assim por diante, criando símbolos de vinculação. O que “sugerem também um mercado crescente para ‘substitutos culturais’ – coisas que permitam que as pessoas que estejam sozinhas sintam-se como se não tivessem, como a televisão, os videogames e as salas de bate-papo na Internet”⁶⁸.

⁶⁸ KOTLER, 2000, p.175. (Nota da entrevistada)

***IHU On-Line* - Qual é o perfil dos homens solteiros na mira do mercado?**

Vanice Domingues - Saindo de casa cada vez mais jovens e priorizando a carreira profissional, estão se tornando alvos da indústria de consumo. Por não ter uma família a sustentar, suas necessidades de consumo e prioridades domésticas são diferentes. O que leva a acreditar que este público, tem dinheiro de “sobra” para outros tipos de compras.

A própria mudança do comportamento masculino, a qual vem se delineando desde a década de 1980, revelando um “novo homem”, dá subsídios ao mercado para uma atualização de conceitos. Habitados à posição de decididos, seguros, responsáveis pelo sustento da família, fortes, dominadores, corajosos, auto-suficientes entre outros adjetivos sustentados durante muitos anos viram-se acuados, pois constantemente “seu território” era invadido e em muitas situações dominado pela “revolução feminina”. Na atualidade, observa-se exatamente o oposto, uma inversão nesta “revolução”, há uma incursão masculina no universo feminino, em que os sentimentos estão emergindo, caracterizando o homem não como um ser inabalável, um super-herói, papel que eles mesmos tentavam desempenhar, mas um ser humano sensível, delicado e vaidoso e, o homem solteiro atual é o reflexo desta alteração comportamental.

***IHU On-Line* - Como o mercado atual reagiu a essa mudança de comportamento?**

Vanice Domingues - Este público está ganhando espaço gradual e definitivo na mídia e na produção/adequação de produtos. O mercado comercial (publicitários, mídia, administradores de marketing, desenvolvedores de novos produtos) vem acompanhando

esta evolução, segmentando cada vez mais seu público. Esta “revolução social” influenciou drasticamente o mercado de produtos e consumo. Alguns segmentos, atentos a esta mudança, procuram adequar seus meios de produção de maneira a atender em cada detalhe essa nova demanda. Acredito que há uma reciprocidade mercado X consumidor.

***IHU On-Line* - De que forma os homens vêm se preocupando com sua estética e vestuário?**

Vanice Domingues - A evolução comportamental e mercadológica possibilitou ao homem que se expusesse mais. Atitudes até então ditas femininas, principalmente no campo da estética, como tirar a sobrancelha, fazer a unha, fazer bronzeamento artificial, utilizar técnicas para pintar o cabelo, cirurgia plástica com fins estéticos, estão sendo atitudes realizadas também por homens. O máximo, que era levado em consideração pela sociedade há alguns anos atrás, era a barba bem feita e o terno bem alinhado, atualmente os cuidados vão desde sua imagem, aparência, como se comunica e o que consome. Segundo estatísticas publicadas na revista *Veja*⁶⁹ destaca-se a preocupação do brasileiro com a aparência:

- 82% acham importante ter a pele bem-cuidada;
- 80% gastam mais de cinco minutos diários com a aparência;
- 78% acham importante ter o corpo perfeito;
- 72% se pesam regularmente;
- 68% acham certo fazer cirurgia plástica somente por estética;
- 25% já fizeram dieta;
- 5% já fizeram cirurgia plástica⁷⁰.

⁶⁹ 1 out. 2003, p.65 (Nota da entrevistada)

⁷⁰ Fonte: 2B Brasil Research & Consulting, com homens entre 25 e 64 anos, em São Paulo. (Nota da entrevistada)

A edição *Veja Especial Homem*, também apresenta os seguintes dados: 66% dos homens brasileiros dão importância à aparência; 35% deles usam cremes para as mãos e para o rosto. Em 2000, esse índice era de 30%; cresceu 4 vezes o número de homens no Brasil que se submetem à cirurgia plástica nos últimos dez anos. Hoje eles somam 120 mil⁷¹.

IHU On-Line - O homem como couraça indestrutível é um mito? Como está se dando a desconstrução desse mito na pós-modernidade?

Vanice Domingues - Há muito tempo esta “couraça” já não existe. Os estereótipos que caracterizavam o homem até meados da década de 1980, abriram passagem a um novo comportamento. Os homens estão assumindo novos papéis e se posicionando melhor diante de diversas situações, como, por exemplo, morar sozinhos e cuidar dos filhos. Acredito que a grande influenciadora de toda esta “metamorfose social” tenha sido a mulher e a mudança na concepção da família. A partir da “emancipação feminina”, cujo papel foi se definindo por décadas, houve grande alteração do seu comportamento e atuação perante a sociedade. A mulher “saiu para a rua”, procurou direitos iguais, absorveu novas funções, deixou de ser somente a “rainha do lar”. Com isso, tornou-se mais exigente, forçando uma mudança também no comportamento masculino. E este em busca de adequação à nova realidade, procurou o seu lugar neste cenário.

71 *A metamorfose do macho*. Ago. 2004, p.12.
(Nota da entrevistada)

História do Brasil e Cinema

O Prof. Dr. Glênio Nicolas Póvoas, da PUCRS, é o responsável pela condução do evento **História do Brasil e Cinema** neste sábado, 6 de maio, das 8h30min às 12h30min, Sala 1G119 do IHU. O pesquisador realiza a palestra e a discussão teórica *A história do Brasil através do cinema: contribuições e comprometimentos*.

Encontros de Ética

O ensino de línguas estrangeiras na educação infantil. Esse é o tema proposto pela Prof.^a Dr.^a Ana Maria Stahl Zilles, da Unisinos, no **Encontros de Ética** desta segunda-feira, 8 de maio. A atividade, aberta a toda comunidade acadêmica, tem entrada franca e vai das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU. Confira uma entrevista exclusiva sobre esse assunto no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu.

Zilles é graduada em Letras – Licenciatura Plena Inglês e Letras Bacharelado em Tradução e Interpretação pela PUCRS. Mestrou-se e doutorou-se em Linguística e Letras pela PUCRS com a dissertação *Escolha do livro-texto de língua estrangeira*, e com a tese *A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos*. Na Universidade de Nova Iorque, EUA, cursou pós-doutorado.

IHU Repórter

Republicamos a entrevista feita com o Prof. Dr. Sílvio Cazella. A entrevista da semana passada foi publicada com erros de informação. Pedimos desculpas ao entrevistado e aos leitores e leitoras.

Sílvio César Cazella



Um apaixonado por biologia que entrou para a academia pela via inversa. O amor pela natureza foi herança da avó que o ensinou a cuidar qualquer forma de vida, animal ou vegetal, por mais simples que pudesse parecer. O curso dos sonhos de criança foi adiado, mas não descartado. Ainda é um projeto a ser pensado. A vida tomou outros rumos, oportunidades foram surgindo e nasceu uma segunda paixão, todavia, não menos importante. A tecnologia o seduziu e hoje é mestre e doutorando em Ciência da Computação. Estuda áreas como sistemas de recomendação, *webmining* e sistemas multiagentes, além de trabalhar como analista e projetista de sistemas de informação estruturados e orientados a objetos. A essas atividades se somam duas outras: aulas ministradas nos cursos de informática e coordenação do curso de Ciências da Computação da Unisinos. A racionalidade exigida para desempenhar tais tarefas não se sobrepôs à sua sensibilidade. O que gosta de ganhar de presente? Plantas que possam ser replantadas. Nunca plantas cortadas ou flores!!

Origens – Nasci e vivo em Porto Alegre. Sou descendente de italianos. Meus bisavós vieram da região de Vicenza, comune de Sarego e se situaram em Santa Maria, isso em 1890. Curioso que parte da Universidade Federal de lá foi construída num terreno que foi deles. Minha mãe, Siglia Maria Cazella, era professora e hoje está aposentada, e meu pai, Sergio Cazella, é militar da reserva. Meu irmão, Sérgio Ery Cazella, sete anos mais velho do que eu, também é um profissional da área de tecnologia e foi um dos responsáveis por despertar meu interesse.

Trajetória profissional – Costumo dizer que sou um biólogo frustrado. Este era meu curso dos sonhos desde criança, porém, acabei me apaixonando por tecnologia e resolvi me dedicar à área o que não impede que futuramente eu decida ainda fazê-lo. No final da década de 1980, tive o meu primeiro contato com computadores, ainda

como curioso, e resolvi fazer a graduação em Informática. Percebi que esta profissão me abriria oportunidades de trabalho fora do País e era isso que queria à época. Este foi um dos motivos pelos quais fiz o mestrado e estou fazendo o doutorado em Ciências da Computação. Era uma área que estava criando asas, vi naquelas máquinas simples que tínhamos grandes possibilidades futuras. Quis saber como aplicar, como utilizar e como obter ganhos com tecnologia. Tive a oportunidade de estudar e fazer estágios e intercâmbio como profissional no exterior, em países como Dinamarca, EUA e Canadá. Durante o período que estive fora, vi que não temos nada a dever em tecnologia. Lógico, eles têm mais recursos, todavia, podemos falar a mesma língua e isso desperta a vontade nos jovens de querer encontrar essas portas abertas e poder fazer essas descobertas. A universidade surgiu na minha vida como uma oportunidade impar. Considero um talento um professor conseguir dar aula e ser um bom educador. Dar aula, educar e ver que o aluno aprendeu e saiu para o mercado, fazendo um trabalho de qualidade, é muito compensador.

Influências - Aprendi a gostar de tecnologia um pouco pela competência do meu irmão neste campo. Ele também tem suas frustrações, queria fazer Física e ainda quer concluir o curso. Hoje entendo que a computação é integradora e desafiadora, ela pode agregar várias outras áreas. No início, tinha-se a idéia que se poderia controlar tudo através de um CPD. Hoje tivemos que sair da sala, atender os outros, falar outras línguas e negociar com outros setores. Atualmente vejo como uma área muito interdisciplinar.

Dica - O estudante tem a possibilidade de se tornar, aqui na Universidade, um profissional altamente qualificado em tecnologia. É importante, porém, que esse profissional cresça sendo humilde, deve ter a consciência que por mais que ele aprenda ainda será pouco. É uma profissão em constante movimento e para se dar bem é imprescindível ser curioso e aceitar desafios e essas mudanças bruscas de empresa e de mercado.

Lembranças de infância - Minha avó era muito ligada à natureza e à qualquer forma de vida, seja animal, seja vegetal. Aprendi muito com ela sobre a importância do verde, da preservação e do cuidado com o meio ambiente, por isso me defino como um biólogo frustrado. A menor forma de vida era importante para ela, essa é uma lembrança muito marcante e que procuro preservar.

Meta - Diria que como professor quero continuar sempre aprendendo e ter condições e oportunidade de estar sempre ensinando. É uma troca constante, quero continuar conseguindo que meus alunos estejam sempre aprendendo e também me ensinando, quero conseguir sempre manter essa dinâmica Não quero jamais imaginar que sou o detentor do conhecimento e não dividir mais, quando isso acontece se deixa de ser educador. É preciso ter o discernimento de saber quando você tem que aprender e quando pode ensinar. Quero conseguir manter esse equilíbrio.

Autor - Lya Luft e Cora Coralina. Tenho gostado muito da obra delas, principalmente por falar em mudanças, ou em perdas e ganhos que temos com o passar dos anos.

Livro - *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell. Acho que esse livro não poderia deixar de ser lido por nenhum brasileiro. Também indico *A Montanha Mágica*, Thomas Mann.

Presente – Plantas. Quando recebo sei que é um presente que vai durar por muito tempo.

Unisinos – A Unisinos tem, no meu entender, um grande zelo pela educação, pela qualidade. Vejo que a Universidade foi pressionada por modificações socioeconômicas bem claras que a fez precisar atualizar-se para não desaparecer. Não existem mudanças sem sacrifício e sem dor, as modificações são difíceis, mas necessárias. É uma instituição que está num mercado que sofre grandes modificações. O governo criou possibilidades para que surgissem várias outras instituições de ensino superior que estão ainda engatinhando e tentando ganhar espaço, e isso gerou um mercado de extrema disputa.

Instituto Humanitas Unisinos – Conheço muito pouco sobre o Instituto, mas acho que o IHU foi uma grande criação na Universidade. Acredito que já faça parte dessas modificações de que falei.

Cartas do leitor

Prezados colegas,

As publicações dos artigos na Revista IHU, que aparece semanalmente, são de excelente qualidade e alto nível intelectual. Vocês estão de parabéns. Eu estou fazendo propaganda ente os alunos e professores do ITESC e recomendo a leitura e o estudo dos artigos. Grande impacto me causou o conjunto dos artigos da semana passada "Paulo de Tarso e a Contemporaneidade" e desta semana "América Latina: Um giro à esquerda". A abordagem do assunto é de interesse em assuntos, visando ao aprofundamento da matéria e que tenham "mordência" atual, sem enveredar pela tangente da novidade, crítica destrutiva e irreverência, como acontece em abordagens por escritores (do tipo de Gore Vidal). Os artigos sobre São Paulo são de peso e de respeito à doutrina e mensagem do grande apóstolo e autor inspirado das Cartas Paulinas.

Saudações cordiais,

Pe. Luís Stadelmann, SJ – Florianópolis – SC